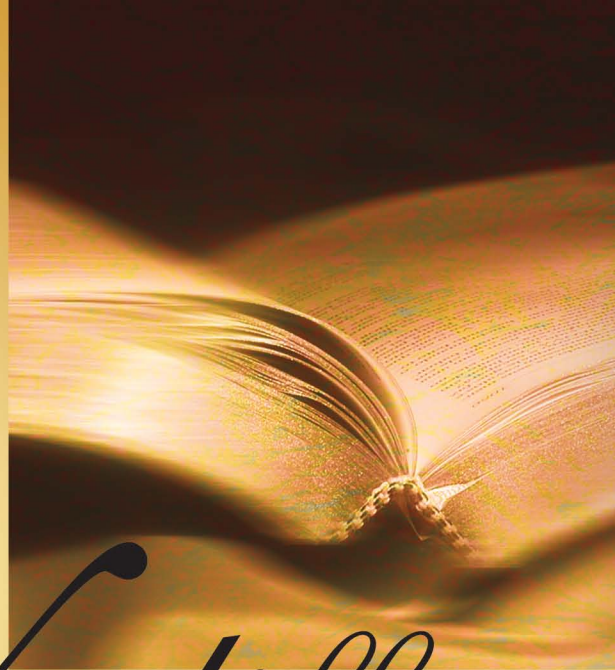




Wycliffe

DICIONÁRIO BÍBLICO

Charles F. Pfeiffer
Howard F. Vos
John Rea

Charles F. Pfeiffer
Howard F. Vos
John Rea

DICIONÁRIO BÍBLICO

Wycliffe

11ª Impressão

Tradução
Degmar Ribas Júnior



Rio de Janeiro
2012

Todos os direitos reservados. Copyright © 2006 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: Wycliffe Bible Dictionary
Hendrickson Publishers, Inc., Peabody, Massachusetts, EUA
Traduzida da 4ª edição em inglês: 2000

Tradução: Degmar Ribas Júnior

Preparação dos originais e revisão: Miriam Anna Libório, Reginaldo de Souza e
Anderson Grangeão da Costa

Capa e projeto gráfico: Eduardo Souza
Editoração: ArtSam-Soluções Gráficas

CDD: 220.3 – Dicionários
ISBN: 85-263-0809-2

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>

SAC – Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-701-7373

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

11ª Impressão/2012 - Tiragem: 4.000

Prefácio

Os dois volumes da *Enciclopédia Bíblica Wycliffe* são o produto dos esforços combinados de mais de duzentos estudiosos nos vários campos dos estudos bíblicos. Embora a maioria deles seja composta por americanos, vários são cidadãos de outros países.

Este projeto teve início em 1959 quando a equipe da Moody Press reconheceu a necessidade de substituir os antigos dicionários e enciclopédias bíblicas por um trabalho que estivesse à altura das tendências mais modernas da teologia, das mais recentes descobertas da arqueologia, e das pesquisas lingüísticas.

Este comitê estabeleceu várias diretrizes básicas para a *EBW*. Em primeiro lugar, os seus artigos de caráter doutrinário devem estar de acordo com a ortodoxia cristã, com os fundamentos da fé geralmente aceitos pelos crentes de uma linha evangélica conservadora. Nenhum artigo pode contradizer a crença de que as Escrituras, como um todo, são inspiradas por Deus, e que não ocorreram erros em sua transmissão oral e em seus manuscritos originais. Quanto à escatologia, considera-se que a volta do Senhor Jesus Cristo ocorrerá antes de seu reino milenar na terra.

Em segundo lugar, a enciclopédia deve ser considerada completa no sentido de que cada local e nome pessoal na Bíblia Sagrada são listados e discutidos, assim como todos os termos teológicos e as doutrinas importantes. Vários artigos sobre temas não bíblicos foram incluídos, com a finalidade de fornecer um contexto cultural ao ambiente em que se passaram os eventos registrados na Bíblia Sagrada. Isto foi feito devido às freqüentes referências a estes assuntos, que constam nas cartas Amarna, nas Tábuas de Nuzu, no Código de Hamurabi, nos registros Sumérios, e na Pedra Moabita. Existem termos incompreensíveis para o leitor mediano da Bíblia Sagrada, a menos que sejam explicados. Pelo fato de a enciclopédia limitar-se a uma discussão de temas que contribuem diretamente para a compreensão da Bíblia e dos tempos bíblicos, pouca atenção foi dada à história da igreja.

Em terceiro lugar, os artigos devem ser suficientemente abrangentes para satisfazer aos leigos bem informados, sem deixar de ser suficientemente claros para que possam ser compreendidos pelos leitores de nível médio. Por esta razão, os termos hebraicos, gregos e outros termos estrangeiros foram transliterados.

Uma vez que a versão KJV (*Almeida Revista e Corrigida* para a versão brasileira) ainda é a versão mais lida nas igrejas evangélicas, sua grafia foi seguida na obra original para os nomes próprios nos títulos dos artigos individuais. Porém em cada artigo, as traduções mais precisas ou as transliterações utilizadas nas versões mais recentes foram freqüentemente utilizadas. Certos nomes e palavras importantes ou, ainda, termos que ocorrem em versões mais recentes são discutidos visando a conveniência do leitor. A grafia dos nomes nas versões mais recentes também foi incluída, e é seguida por uma referência cruzada com o nome que consta na ARC. Por exemplo, ao nome *Quirinius* foi acrescentada a observação: *Veja* Cirênio. O segundo nome é aquele que consta na versão ARC. Ao referir-se ao nome de Deus no Antigo Testamento, os editores preferiram utilizar o Nome *Yahweh* ao invés de *Jeová*. O primeiro é, agora, aceito de forma mais geral pela maioria dos estudiosos do AT, por entenderem que ele é o que mais se aproxima da pronúncia correta na antiga nação de Israel.

Os autores que colaboraram com artigos são identificados por suas iniciais. Sua posição na comunidade acadêmica é apresentada na Lista de Colaboradores. O leitor tem a seu dispor, de forma garantida, uma fonte de informação precisa, confiável e atualizada para o seu estudo da Palavra de Deus. Diferentes pontos de vista (dentro dos limites de uma posição evangélica) são expressos, de forma que não foi imposta uma rigorosa uniformidade aos vários artigos.

As bibliografias anexadas aos artigos mais longos não são de modo algum exaustivas, mas são indicadas como ajuda ao leitor, sugerindo consulta a livros e periódicos disponíveis na maioria das bibliotecas. Foi feito um esforço especial para acrescentar referências aos artigos mais importantes da famosa obra de Kittel, traduzida por G. F. Bromiley, o *Dicionário Teológico do Antigo Testamento*.

A utilidade da enciclopédia foi grandemente estendida, ao mesmo tempo em que as repetições foram amplamente evitadas através de um sistema de referências cruzadas ao longo do texto e no final da maioria dos artigos.

Uma outra questão é a utilização da expressão latina *quod vide*, “veja-se”, através de sua abreviatura *q.v.* entre parêntesis logo após a menção da palavra, ou pela própria instrução “veja...” antes do termo.

Em vários casos foi preferível discutir os tópicos ou as unidades individualmente relacionados sob um tópico geral, ao invés de fazê-lo em artigos separados. Por exemplo, todos os animais, pássaros, peixes, insetos e répteis foram discutidos sob o verbete “Animais”. Outros exemplos são os longos artigos sobre os Manuscritos Bíblicos, o vestuário, as festividades, os alimentos, os falsos deuses, as jóias, os minerais e metais, as ocupações, as plantas, as versões antiga e medieval, além dos pesos, medidas e moedas. Este arranjo torna possível que o leitor adquira mais facilmente um conhecimento mais abrangente de um assunto em particular, se assim desejar.

A equipe original de editores foi liderada por Charles F. Pfeiffer e, associados a ele, estiveram E. Leslie Carlson no Antigo Testamento, Walter M. Dunnet no Novo Testamento, R. Allan Killen em teologia e Howard F. Vos para ilustrações e arqueologia. John Rea foi posteriormente convidado a assumir a lacuna deixada pelo falecimento do Dr. Carlson. Mais tarde, o Dr. Rea foi convidado a assumir a função de editor de manuscritos, com o objetivo de desempenhar a tarefa editorial até o final da obra.

Ele teve a assistência especial do Dr. Vos que, como editor de livros-texto da Moody Press, e mais tarde, consultor em livros-texto, leu e avaliou todo o conteúdo da enciclopédia; e também de James Mathisen que, durante muitos anos, trabalhou como editor assistente da Moody Press. Outros ilustres eruditos que prestaram uma assistência de valor inestimável incluem Dwight P. Baker, Kenneth A. Domroese, Fred Dickason, Stanley N. Gundry, e Alan F. Johnson.

Nossos agradecimentos especiais à senhorita Nettie Cox, que depois de se aposentar do Instituto Bíblico Moody como editora de materiais promocionais, serviu com grande habilidade e de maneira incansável como editora-chefe de cópias. Sem sua habilidade na organização da grande quantidade de manuscritos que se acumulou, sua memória para os detalhes, e seu olho clínico para a localização de erros, este projeto teria naufragado. Nettie foi assistida por Dorothy Martin durante os vários meses de leitura e provas. Este projeto também não teria alcançado pleno êxito sem a constante supervisão e o envolvimento prático de Howard Fischer, que ocupa o cargo de gerente de produção da Moody Press.

Os autores e os editores reconhecem a dívida que têm para com muitos dicionários e enciclopédias publicados durante o século XX. De especial utilidade em todos os aspectos têm sido as obras *Unger's Bible Dictionary* e *The New Bible Dictionary*. Em questões de arqueologia, história antiga e costumes bíblicos destacamos as obras *Pictorial Biblical Encyclopedia* (de G. Cornfeld), *Seventh-Day Adventist Bible Dictionary* (de Siegfried H. Horn), *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, e a obra *The Biblical World* (de Charles F. Pfeiffer); e em questões doutrinárias destacamos a obra *Baker's Dictionary of Theology*. A obra *The Interpreter's Dictionary of the Bible* nos serviu como padrão para a grafia e pronúncia da maior parte dos nomes de pessoas, locais, e eventos na história antiga do Oriente Próximo. A tabela de abreviaturas dos periódicos, obras de referência, dicionários e versões da Bíblia Sagrada revelam de modo mais profundo a amplitude e o alcance do material consultado por aqueles que contribuíram através da elaboração dos artigos, bem como dos editores.

Várias pessoas e instituições bem dispostas forneceram ilustrações que contribuíram para o enriquecimento desta obra. O crédito é dado a cada uma delas junto com cada ilustração, porém, gostaríamos de expressar nosso especial reconhecimento àquelas que estão listadas abaixo, por terem fornecido um número de fotos expressivo demais para que sejam apenas citadas de forma abreviada junto às ilustrações. Suas abreviaturas aparecem entre parêntesis: British Museum, Londres (BM); Israel Information Service, Nova York (IIS); Lehnert e Landrock, Cairo (LL); Museu do Louvre, Paris (LM); Moody Institute of Science (MIS); Metropolitan Museum of Art, Nova York (MM); Matson Photo Service, Los Angeles (MPS); Oriental Institute of the University of Chicago (ORINST); Dr. John Rea (JR); e o Dr. Howard F. Vos (HFV).

Lista de Colaboradores

- W. A. A. ALCORN, Wallace A., Ph.D., Professor Associado da cadeira de Teologia do Novo Testamento, Northwest Baptist Seminary, Tacoma Wash.
- G. A. A. ANDERSON, George A., Th.M., Professor da cadeira de Bibliologia, King College, Bristol, Tenn.
- G. L. A. ARCHER, Gleason L., Jr., Professor da cadeira de Teologia do Antigo Testamento, Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, Ill.
- D. P. B. BAKER, Dwight P.
- N. B. B. BAKER, Nelson B., Ph.D., Professor Emérito de Bibliologia Inglesa, Eastern Baptist Theological Seminary, Filadélfia, Penn.
- D. B. BALY, Denis, Kenyon College, Gambier, Ohio.
- D. C. B. BARAMKI, D.C., Ph.D., Curador de Museus, American University of Beirut, Líbano.
- L. B. BARBIERI, Louis, Th.D., Membro da Faculdade, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
- G. W. Ba. BARKER, Glenn W., Th.D., Reitor & Professor de Origens Cristãs, Fuller Theological Seminary, Pasadena, Calif.
- K. L. B. BARKER, Kenneth L., Ph.D., Professor Associado de Assuntos Semitas e Teologia do Antigo Testamento, Dallas Theological Seminary, Dallas, Tex.
- D. M. B. BEEGLE, Dewey M., Ph.D., Professor de Teologia do Antigo Testamento, Wesley Theological Seminary, Washington, D.C.
- R. H. B. BELTON, Robert H., Th.M., Membro Emérito da Faculdade, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
- T. H. B. BENDER, Thorwald W., Th.D., Professor de Filosofia da Religião e Teologia, Eastern Baptist Theological Seminary, Filadélfia, Penn.
- T. M. B. BENNETT, T. Miles, Th.D., Professor de Teologia do Antigo Testamento, Southwestern Baptist Theological Seminary, Fort Worth, Tex.
- S. H. B. BESS, S. Herbert, Ph.D., Professor de Teologia do Antigo Testamento e Hebraico, Grace Theological Seminary, Winona Lake, Ind.
- E. M. B. BOHNETT, Earl M., M. Div., M. A., Reitor Educacional, Baptist Bible College, Denver, Col.
- A. B. BOWLING, Andrew, Ph.D., Professor Associado, Bibliologia e Filosofia, John Brown University, Siloam Springs, Ark.
- J. L. B. BOYER, James L., Th.D., Professor de Teologia do Novo Testamento e Grego, Grace Theological Seminary, Winona Lake, Ind.
- G. W. Br. BROMILEY, Geoffrey W., Ph.D., Professor de História da Igreja e Teologia Histórica, Fuller Theological Seminary, Pasadena, Calif.
- W. B. BROOMALL, Wick, M. A., Th.M., Atlanta School of Biblical Studies, Atlanta, Ga.
- W. G. B. BROWN, W. Gordon, D.D., Reitor Emérito, Central Baptist Seminary, Toronto, Ontário, Canadá.
- S. G. B. BROWNE, S.G., Leprosy Research Unit, Uzuakoli, Nigéria Oriental.
- F. F. B. BRUCE, F.F., M.A., D.D., Rylands – Professor de Crítica e Exegese Bíblica, Universidade de Manchester, Inglaterra.
- S. F. B. BRYAN, Sigurd F., Th.D., Professor de Religião, Samford University, Birmingham, Ala.
- D. W. B. BURDICK, Donald W., Th.D., Professor de Teologia do Novo Testamento, Conservative Baptist Theological Seminary, Denver, Col.
- J. O. B. BUSWELL, J. Oliver, Jr., Ph.D., Reitor Emérito, Covenant Theological Seminary, St. Louis, Mo.
- D. K. C. CAMPBELL, Donald K., Th.D., Reitor, Dallas Theological Seminary, Dallas, Tex.
- E. L.C. CARLSON, E. Leslie, Th.D., Professor Emérito, Southwestern Baptist Theological Seminary, Fort Worth, Tex.
- F. G. C. CARVER, Frank G., Jr., Ph.D., Professor de Teologia Bíblica e Grego, Pasadena College, Pasadena, Calif.
- G. H. C. CLARK, Gordon H., Ph.D., Professor de Filosofia, Butler University, Indianápolis, Ind.
- E. W. C. CLEVENGER, Eugene W., Th.D., Professor de Bibliologia, Abilene Christian College, Abilene, Tex.
- J. W. C. COBB, John W., Th.D., Professor Emérito de Religião, University of Corpus Christi, Corpus Christi, Tex.
- W. B. C. COBLE, William B., Th.D., Professor de Teologia do Novo Testamento, Hermenêutica e Grego, Midwestern Baptist Theological Seminary, Kansas City, Mo.
- S. M. C. CODER, S. Maxwell, Th.D., Reitor Emérito de Educação, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
- S. C. COHEN, Simon, D.D., foi membro do Hebrew Union College, Cincinnati, Ohio.
- R. O. C. COLEMAN, Robert O., Th.D., Profes-

- tor Associado de Fundamentos Bíblicos e Arqueologia, Southwestern Baptist Theological Seminary, Fort Worth, Tex.
- C. W. C. CROWN, C. W., M.D., Médico, Chicago, Ill.
- T. B. C. CRUM, Terrele B., M.A., Professor de Estudos Bíblicos, Barrington College, Barrington, Rhode Island.
- W. C. CULBERTSON, William, D.D., Presidente Emérito e Chanceler, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
- R. D. C. CULVER, Robert D., Th.D., Professor de Teologia Sistemática, Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, Ill.
- J. J. D. DAVIS, John J., Ph.D., Professor de Teologia do Antigo Testamento e Hebraico, Grace Theological Seminary, Winona Lake, Ind.
- V. G. D. DAVISON, Vernon G., Ph.D., Professor de Religião e Grego, Samford University, Birmingham, Ala.
- W. T. D. DAYTON, Wilber T., Th.D., Presidente, Houghton College, Houghton, N. Y.
- D. W. D. DEERE, D.W., Th.D., Professor Emérito de Teologia do Antigo Testamento, Golden Gate Theological Seminary, Mill Valley, Calif.
- R. D. B. DEMPSEY, Robert B.
- C. E. D. DE VRIES, Carl E., Ph.D., Pesquisador Associado (Professor Associado), Instituto Oriental, Universidade de Chicago, Chicago, Ill.
- C. F. D. DICKASON, C. Fred, Th.D., Membro da Faculdade, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
- R. L. D. DOBSON, Robert L., Th.D., Professor de Bibliologia, Howard Payne College, Brownwood, Tex.
- H. L. D. DRUMWRIGHT, Huber L., Jr., Th.D., Reitor e Professor de Teologia do Novo Testamento, Southwestern Baptist Theological Seminary, Fort Worth, Tex.
- W. M. D. DUNNETT, Walter M., Ph.D., Membro da Faculdade, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
- D. G. E. EADIE, Douglas G., Th.D., Ph.D., Professor de Religião, Universidade de Redlands, Redlands, Calif.
- R. E. EARLE, Ralph, Th.D., Professor de Teologia do Novo Testamento, Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Mo.
- L. R. E. ELLIOTT, L. R.
- C. L. F. FEINBERG, Charles L., Ph.D., Reitor, Talbot Theological Seminary, La Mirada, Calif.
- P. D. F. FEINBERG, Paul D., Ph.D., Professor Assistente de Filosofia da Religião, Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, Ill.
- E. F. FERGUSSON, Everett, Ph.D., Professor de Bibliologia, Abilene Christian College, Abilene, Tex.
- P. W. F. FERRIS, Paul W., Jr., M. Div., Graduate Student, Dropsie College, Filadélfia, Penn.
- H. E. Fi. FINLEY, Harvey E., Ph.D., Professor de Bibliologia do Antigo Testamento, Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Mo.
- F. L. F. FISHER, Fred L., Th.D., Professor de Hermenêutica, Golden Gate Baptist Theological Seminary, Mill Valley, Calif.
- H. D. F. FOOS, Harold D., Th.D., Membro da Faculdade, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
- C. T. F. FRANCISCO, Clyde T., Th.D., Professor de Hermenêutica do Antigo Testamento, Southwestern Baptist Theological Seminary, Louisville, Ky.
- H. E. Fr. FREEMAN, Hobart E., Th.D., Palestrante e Escritor, Graceland, Ind.
- L. Ga. GALLMAN, Lee, Th.D., Professor de Religião, Samford University, Birmingham, Ala.
- J. F. G. GATES, John F., S.T.D., Professor de Bibliologia e Filosofia, St. Paul Bible College, Bible College, Minn.
- N. L. G. GEISLER, Norman L., Ph.D., Professor de Filosofia da Religião, Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, Ill.
- J. M. G. GERSTNER, John M., Ph.D., Professor de História da Igreja, Pittsburgh Theological Seminary, Pittsburgh, Penn.
- G. A. G. GETZ, Gene A., Ph.D., Professor Associado de Educação Cristã, Dallas Theological Seminary, Dallas, Tex.
- R. G. GODDARD, Robert, Th.D., Membro da Faculdade, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
- L. Go. GOLDBERG, Louis, Th.D., Membro da Faculdade, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
- J. H. G. GREENLEE, J. Harold, Th.D., Missionário, OMS International.
- J. K. G. GRIDER, J. Kenneth, Ph.D., Professor de Teologia, Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Mo.
- V. C. G. GROUNDS, Vernon C., Ph.D., Presidente, Conservative Baptist Theological Seminary, Denver, Col.
- S. G. GUNDRY, Stanley, S.T.D., Membro da Faculdade, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
- G. H. G. HADDOCK, Gerald H., Ph.D., Professor Associado de Geologia, Wheaton College, Wheaton, Ill.
- E. F. Hai. HAIGHT, Elmer F., Th.D., Professor Emérito de Religião, Louisiana College, Pineville, La.
- P. S. H. HAIK, Paul S., Th.D., Membro da Faculdade, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
- F. E. H. HAMILTON, Floyd E.

- H. A. Han. HANKE, H. A., Th.D., Professor de Religião, Asbury College, Wilmore, Ky.
- G. L. H. HARDING, G. Lankester, Daroun-Harissa, Líbano.
- L. O. H. HARRIS, Lindell O., Th.D., Presidente, Divisão de Religião, Hardin-Simmons University, Abilene, Tex.
- R. L. H. HARRIS, R. Laird, Ph.D., Professor de Teologia do Antigo Testamento, Covenant Theological Seminary, St. Louis, Mo.
- E. F. Har. HARRISON, Everett F., Ph.D., Professor Sênior de Teologia do Novo Testamento, Fuller Theological Seminary, Pasadena, Calif.
- G. W. H. HARRISON, G. W., Th.D., Professor de Teologia do Antigo Testamento e Hebraico, New Orleans Baptist Theological Seminary, New Orleans, La.
- C. K. H. HARROP, Clayton K., Th.D., Professor de Hermenêutica, Golden Gate Baptist Theological Seminary, Mill Valley, Calif.
- R. E. H. HAYDEN, Roy E., Ph.D., Professor de Literatura Bíblica, Oral Roberts University, Tulsa, Okla.
- A. K. H. HELMBOLD, Andrew K., Ph.D., Professor de Ciências Humanas, Tidewater Community College, Portsmouth, Va.
- E. W. H. HELSEL, E. Walter, Th.M., Professor de Religião, Seattle Pacific College, Seattle, Wash.
- C. F. H. H. HENRY, Carl F.H., Ph.D., Professor Livre Docente, Eastern Baptist Theological Seminary, Filadélfia, Penn.
- D. E. H. HIEBERT, D. Edmond, Th.D., Professor de Teologia do Novo Testamento, Menonite Brethren Biblical Seminary, Fresno, Calif.
- H. W. H. HOEHNER, Harold W., Ph.D., Professor Associado de Homilética, Dallas Theological Seminary, Dallas, Tex.
- H. A. Hof. HOFFNER, Harry A., Jr., Ph.D., Professor Associado de Hititologia e Assiriologia, Yale University, New Haven, Conn.
- S. H. H. HORN, Siegfried H., Ph.D., Professor de Arqueologia e História da Antigüidade, Andrews University, Berrien Springs, Mich.
- C. M. Ho. HORNE, Charles M., Th.D., Professor Associado de Teologia, Graduate School of Theology, Wheaton College, Wheaton, Ill.
- S. M. H. HORTON, Stanley M., Th.D., Professor de Bibliologia, Hebraico e Teologia, Central Bible College, Springfield, Mo.
- H. E. H. HOSCH, Harold E.
- F. D. H. HOWARD, Fred D., Th.D., Professor de Religião, Wayland Baptist College, Plainview, Tex.
- G. E. H. HOWARD, George E., M.A., Th.M., Professor Associado de Filosofia da Religião, University of Georgia, Athens, Ga.
- F. R. H. HOWE, Frederic R., Th.D., Professor de Teologia, Dallas Theological Seminary, Dallas, Tex.
- H. A. Roy. HOYT, Herman A., Th.D., Presidente, Grace Theological Seminary, Winona Lake, Ind.
- F. B. H. HUEY, F.B., Jr., Th.D., Professor Associado de Teologia do Antigo Testamento, Southwestern Baptist Theological Seminary, Fort Worth, Tex.
- K. H. HUIJER, Karel, D.Sc., Professor de Astronomia e Física, University of Tennessee at Chattanooga, Tenn.
- C. J. H. HURST, Clyde J., Th.D., Professor de Bibliologia e Filosofia, Hardin-Simmons University, Abilene, Tex.
- C. M. Hy. HYATT, Cecil M., Th.D., Professor de Bibliologia e Religião, California Baptist College, Riverside, Calif.
- E. C. J. JAMES, Edgar C., Th.D., Membro da Faculdade, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
- J. E. J. JENNINGS, James E., M. A., Professor Assistente de Arqueologia, Wheaton College, Wheaton, Ill.
- P. K. J. JEWETT, Paul K., Ph.D., Professor de Teologia Sistemática, Fuller Theological Seminary, Pasadena, Calif.
- A. F. J. JOHNSON, Alan F., Th.D., Professor Associado de Bibliologia e Apologética, Wheaton College, Wheaton, Ill.
- P. C. J. JOHNSON, Philip C., Th.D.
- R. L. J. JOHNSON, Robert L., M.A., Professor Associado de Bibliologia, Abilene Christian College, Abilene, Tex.
- E. S. K. KALLAND, Earl S., Th.D., Reitor, Conservative Baptist Theological Seminary, Denver, Col.
- J. L. K. KELSO, James L., Th.D., Professor Emérito de História do Antigo Testamento e Arqueologia Bíblica, Pittsburgh Theological Seminary, Pittsburgh, Penn.
- H. A. K. KENT, Homer A., Jr., Th.D., Vice-Presidente e Reitor, Grace Theological Seminary, Winona Lake, Ind.
- R. A. K. KILLEN, R. Allan, Th.D., Professor de Teologia Contemporânea e Reformada, Theological Seminary, Jackson, Miss.
- W. H. K. KIMZEY, Willis H., Jr., Th.D., Professor de Religião, Union University, Jackson, Tenn.
- M. A. K. KING, Marchant A., D.D., Professor Emérito, Los Angeles Baptist College, Newhall, Calif.
- M. G. K. KLINE, Meredith G., Ph.D., Professora de Teologia do Antigo Testamento, Gordon-Conwell Theological Seminary, Wenham, Mass.
- F. H. K. KLOOSTER, Fred H., Th.D., Professor de Teologia Sistemática, Calvin

- Theological Seminary, Grand Rapids, Mich.
- J. W. K. KLOTZ, John W., Ph.D., Professor de Ciência Natural, Concordia Senior College, Fort Wayne, Ind.
- G. W. K. KNIGHT, George W., III, Th.D., Professor Associado de Bibliologia do Novo Testamento, Covenant Theological Seminary, St. Louis, Mo.
- C. H. K. KRAELING, Carl H., Ph.D., Diretor Emérito do Institute of Oriental Studies, Universidade de Chicago, Chicago, Ill.
- F. C. K. KUEHNER, Fred C., Th.D., Reitor, Professor de Idiomas Bíblicos, The Theological Seminary of the Reformed Episcopal Church, Filadélfia, Penn.
- W. L. L. LANE, William L., Th.D., Professor de Teologia do Novo Testamento e Estudos Judaicos, Gordon-Conwell Theological Seminary, Wenham, Mass.
- H. C. L. LEUPOLD, H. C., D.D., Professor de Teologia do Antigo Testamento, Evangelical Lutheran Seminar, Columbus, Ohio.
- J. P. L. LEWIS, Jack P., Ph.D., Professor de Bibliologia, Harding Graduate School of Religion, Memphis, Tenn.
- N. R. L. LIGHTFOOT, Neil R., Ph.D., Professor de Bibliologia, Abilene Christian College, Abilene, Tex.
- R. P. L. LIGHTNER, Robert P., Th.D., Professor Assistente de Teologia Sistemática, Dallas Theological Seminary, Dallas, Tex.
- F. D. L. LINDSEY, F. Duane, Th.D., Professor Assistente de Teologia Sistemática, Dallas Theological Seminary, Ft. Worth, Tex.
- G. H. L. LIVINGSTON, G. Herbert, Ph.D., Professor de Teologia do Antigo Testamento, Asbury Theological Seminary, Wilmore, Ky.
- G. C. L. LUCK, G. Coleman, Th.D., Membro da Faculdade, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
- E. L. L. LUEKER, Erwin L.
- L. A. L. LUFBURROW, Lawrence A.
- J. C. M. MACAULAY, J.C., D.D., Reitor, New York School of the Bible, New York City.
- W. R. L. Mc. MC LATCHIE, Wm. R.L.
- W. H. M. MARE, W. Harold, Ph.D., Professor de Idiomas Bíblicos e Literatura do Novo Testamento, Covenant Theological Seminary, St. Louis, Mo.
- J. Ma. MATHISEN, James, M.A., Professor Assistente de Sociologia, Aurora College, Aurora, Ill.
- A. M. MERCER, Arthur, Th.D., Private Business, Dallas, Tex.
- C. S. M. MEYER, Carl S., Ph.D., Professor Graduado de Teologia Histórica, Concordia Seminary, St. Louis, Mo.
- J. R. M. MICHAELS, J. Ramsey, Ph.D., Professor de Literatura Patriarcal e do Novo Testamento, Gordon-Conwell Theological Seminary, Wenham, Mass.
- R. A. M. MITCHELL, Richard A., Institute for Mediterranean Studies, Berkeley, Calif.
- H. M. M. MORRIS, Henry M., Ph.D., Institute for Creation Research, San Diego, Calif.
- L. M. MORRIS, Leon, Ph.D., Diretor, Ridley College, Melbourne, Austrália.
- R. M. MOUNCE, Robert, Ph.D., Professor de Estudos Religiosos, Western Kentucky University, Bowling Green, Ky.
- W. M. MUELLER, Walter, Th.M.
- J. K. M. MUNRO, John Ker, Th.M., Diretor de Admissões, Columbia Bible College, Cúmbia, S.C.
- J. M. MURRAY, John, Th.M., Professor Emérito de Teologia Sistemática, Westminster Theological Seminary, Filadélfia, Penn.
- W. E. N. NIX, William E., Ph.D., Diretor Educacional, Beverly Hills Hospital, Dallas, Tex.
- H. W. N. NORTON, H. Wilbert, Th.D., Reitor da Graduate School of Theology, Wheaton College, Wheaton, Ill.
- R. P. PACHE, Rene, J.D., Presidente da Emmaus Bible School, Lausanne, Suíça.
- F. P. PACK, Frank, Professor de Bibliologia, Abilene Christian College, Abilene, Tex.
- J. B. P. PAYNE, J. Barton, Th.D., Professor de Literatura e Idiomas do Antigo Testamento, Covenant Theological Seminary, St. Louis, Mo.
- A. T. P. PEARSON, A.T.
- J. D. P. PENTECOST, J. Dwight, Th.D., Professor de Homilética, Dallas Theological Seminary, Dallas, Tex.
- G. W. P. PETERS, George W., Ph.D., Professor de Missões Mundiais, Dallas Theological Seminary, Dallas, Tex.
- I. G. P. PETERSON, Irving G.
- C. F. P. PFEIFFER, Charles F., Ph.D., Professor de Idiomas Antigos, Central Michigan University, Mt. Pleasant, Mich.
- C. H. P. PINNOCK, Clark H., Ph.D., Professor de Teologia Sistemática, Regent College, Vancouver, British Columbia.
- R. E. Po. POWELL, Ralph E., Th.D., Professor de Teologia e Filosofia das Religiões, North American Baptist Seminary, Sioux Falls, S.D.
- R. E. Pr. PRICE, Ross E., Ph.D., D.D., Superintendente Distrital, Rocky Mountain District, Igreja do Nazareno, Billings, Mont.
- W. T. P. PURKISER, W.T., Ph.D., Professor

	Associado de Bibliologia Inglesa, Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Mo.		Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, Ill.
A. F. R.	RAINEY, Anson F., Institute for Holy Land Studies, Jerusalém, Israel.	J. A. S.	SPRINGER, J. Arthur, D.D., Membro Emérito da Faculdade, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
R. G. R.	RAYBURN, Robert G., Th.D, Presidente do Covenant Theological Seminary, St. Louis, Mo.	B. C. S.	STARK, Bruce C., Th.D, Professor de Filosofia, Ashland College, Ashland, Ohio
J. R. REA,	John, Th.D, Palestrante e Editor Teológico	F. R. S.	STEELE, Francis R., Home Director, North Africa Mission
A. M. R.	RENWICK, Alexander M., D.D., Professor, Free Church College, Edinburgh, Escócia.	D. S.	STEPHENS, Douglas, Th.D, Membro da Faculdade, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
R. L. R.	REYMOND, Robert L., Ph.D, Professor Associado de Teologia Sistemática, Covenant Theological Seminary, St. Louis, Mo.	H G. S.	STIGERS, Harold G.
J. A. R.	REYNOLDS, J. A., Th.D, Professor de Religião, Mary Hardin-Baylor College, Belton, Tex.	N. J. S.	STONE, Nathan J., Th.M, Membro Emérito da Faculdade, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
R. C. R.	RIDALL, R. Clyde, Th.D, Professor Associado de Teologia e Literatura Bíblica, Olivet Nazarene College, Kankakee, Ill.	R. S.	STRICKLAND, Rowena, Th.D, Professor de Bibliologia, Oklahoma Baptist University, Shawnee, Okla.
R. V. R.	RITTER, R. Vernon, Th.D, Professor de Estudos Religiosos, Westmont College, Santa Bárbara, Calif.	G. G. S.	SWAIN, Gerald G.
D. M. R.	ROARK, Dallas M., Ph.D, Professor de Filosofia, Kansas State College of Emporia, Emporia, Kan.	M. C. T.	TENNEY, Merrill C., Ph.D., Professor de Bibliologia e Teologia, Graduate School of Theology, Wheaton College, Wheaton, Ill.
J. W. R.	ROBERTS, J.W., Ph.D, Professor de Bibliologia, Abilene Christian College, Abilene, Tex.	J. D. T.	THOMAS, J.D., Ph.D., Professor de Bibliologia, Abilene Christian College, Abilene, Tex.
I. R.	ROBERTSON, Irvine, Th.M, Membro da Faculdade, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.	J. A. T.	THOMPSON, John A., Cairo, U.A.R.
E. B. R.	ROBINSON, Earl B.	D. D. T.	TIDWELL, D.D., Th.D., Professor de Cristianismo, Houston Baptist College, Houston, Tex.
D. R. R.	ROSE, Delbert R., Ph.D, Professor de Teologia Bíblica, Asbury Theological Seminary, Wilmore, Ky.	G. H. T.	TODD, G. Hall
C. C. R.	RYRIE, Charles C., Ph.D, Reitor de Estudos de Doutorado, Dallas Theological Seminary, Dallas, Tex.	W. B. T.	TOLAR, William B., Th.D., Professor de Fundamentos Bíblicos, Southwestern Baptist Theological Seminary, Fort Worth, Tex.
A. C. S.	SCHULTZ, Arnold C., Ph.D, Palestrante de História, Roosevelt University, Chicago, Ill.	S. D. T.	TOUSSAINT, Stanley D., Th.D., Professor Assistente de Homilética, Dallas Theological Seminary, Dallas, Tex.
S. J. S.	SCHULTZ, Samuel J., Ph.D, Professor de Bibliologia e Teologia, Wheaton College, Wheaton, Ill.	A. E. T.	TRAVIS, Arthur E., Th.D., Professor de Cristianismo, Houston Baptist College, Houston, Tex.
D. R. S.	SIME, Donald R., Ph.D, Vice-Presidente, Assuntos da Universidade, Pepperdine University, Malibu, Calif.	J. L. T.	TRAVIS, James L., Th.D., Faculdade (Bíblica), Blue Mountain College, Blue Mountain, Miss.
J. H. S.	SKILTON, John H., Ph.D, Professor de Teologia do Novo Testamento, Westminster Theological Seminary, Filadélfia, Penn.	J. W. T.	TRESCH, John W., Jr., Belmont College, Nashville, Tenn.
E. B. S.	SMICK, Elmer B., Ph.D, Professor de Teologia do Antigo Testamento, Gordon-Conwell Theological Seminary, Wenham, Mass.	G. A. T.	TURNER, George A., Ph.D., Professor de Literatura Bíblica, Asbury Theological Seminary, Wilmore, Ky.
R. L. S.	SMITH, Ralph L., Th.D, Professor de Teologia do Antigo Testamento, Southwestern Baptist Theological Seminary, Fort Worth, Tex.	R. V. U.	UNMACK, Robert V., Th.D., Professor de Teologia do Novo Testamento, Central Baptist Theological Seminary, Kansas City, Kan.
W. M. S.	SMITH, Wilbur M., D.D., Professor Emérito de Bibliologia Inglesa,	C. V.	VAN TIL, Cornelius, Ph.D., Professor Emérito de Apologética, Westminster Theological Seminary, Filadélfia, Penn.
		E. J. V.	VARDAMAN, E. Jerry, Th.D., Professor Associado de Arqueologia Bíblica, Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, Ky.
		H. F. V.	VOS, Howard F., Th.D., Ph.D., Pro-

	fessor de História, The King's College, Briarcliff Manor, N.Y.	D. L. W.	WISE, Donald L., M.A., Membro da Faculdade, Moody Bible Institute, Chicago, Ill.
L. L. W.	WALKER, Larry L., Ph.D., Professor Associado de Teologia do Antigo Testamento, Southwestern Baptist Theological Seminary, Fort Worth, Tex.	D. J. W.	WISEMAN, Donald J., O.B.E., M.A., Professor de Assiriologia, Universidade de Londres, Londres, Inglaterra.
W. B. W.	WALLIS, Wilber B., Ph.D., Professor de Teologia do Novo Testamento, Covenant Theological Seminary, St. Louis, Mo.	A. W. W.	WONDER, Alice W., Th.D., Professora de Religião, Texas Wesleyan College, Fort Worth, Tex.
J. F. W.	WALVOORD, John F., Th.D., Presidente, Dallas Theological Seminary, Dallas, Tex.	G. E. W.	WORREL, George E., Diretor de Evangelismo Juvenil, Convenção Batista do Texas.
B. M. W.	WARREN, Bern M., Th.D., Professor de Bibliologia, Western Evangelical Seminary, Portland, Ore.	E. M. Y.	YAMAUCHI, Edwin M., Ph.D., Professor Associado de História, Miami University, Oxford, Ohio.
J. W. W.	WATTS, J. Wash, Th.D., Professor Emérito de Teologia do Antigo Testamento e Hebraico, New Orleans Baptist Theological Seminary, New Orleans, La.	K. M. Y.	YATES, Kyle M., Jr., Th.D., Professor Associado de Teologia do Antigo Testamento e Arqueologia, Golden Gate Baptist Theological Seminary, Mill Valley, Calif.
J. D. W. W.	WATTS, John D.W., Th.D., Professor de Teologia do Antigo Testamento, Serampore College, Índia.	J. D. Y.	YODER, James D., Th.D., Professor de Bibliologia Inglesa e Idiomas Bíblicos, Evangelical Congregational School of Theology, Myerstown, Pa.
C. J. W.	WENZEL, Charles J., B.D., Membro da Faculdade, Columbia Bible College, Columbia, S.C.	E. J. Y.	YOUNG, Edward J., Ph.D., Professor de Teologia do Antigo Testamento, Westminster Theological Seminary, Filadélfia, Penn.
W. W. W.	WESSEL, Walter W., Ph.D., Professor de Teologia do Novo Testamento, Bethel College, St. Paul, Minn.	F. E. Y.	YOUNG, Fred E., Ph.D., Reitor, Professor de Teologia do Antigo Testamento, Central Baptist Seminary, Kansas City, Kan.
J. C. W.	WHITCOMB, John C., Th.D., Diretor de Estudos de Pós-Graduação, Grace Theological Seminary, Winona Lake, Ind.	R. F. Y.	YOUNGBLOOD, Ronald F., Ph.D., Professor de Teologia do Antigo Testamento, Bethel Theological Seminary, St. Paul, Minn.
J. T. W.	WILLIS, John T., Ph.D., Professor Associado de Bibliologia, Abilene Christian College, Abilene, Tex.		

A *breviaturas*

APÓCRIFA E PSEUDOEPÍGRAFA

Bar	(Baruque)
Bel	(Bel e o Dragão)
Ecclus	(Eclesiástico) ou Sir (Sabedoria de Jesus, filho de Siraque)
I Ed	(Esdras)
II Ed	
1 Mac	(1 Macabeus)
2 Mac	
Tob	(Tobias)
Sab	(Sabedoria de Salomão)

TRADUÇÕES DA BÍBLIA SAGRADA, OBRAS DE REFERÊNCIA, PERIÓDICOS ETC.:

AASOR	<i>Annual of the American Schools of Oriental Research</i>
AB	Amplified Bible
AJA	<i>American Journal of Archaeology</i>
AJSL	<i>American Journal of Semitic Languages and Literatures</i>
ALUOS	<i>Annual of Leeds University Oriental Society</i>

ANEP	<i>The Ancient Near East in Pictures</i> , J. B. Pritchard
ANET	<i>Ancient Near Eastern Texts</i> , J. B. Pritchard
ANT	<i>Apocryphal New Testament</i> , M. R. James
AOTS	<i>Archaeology and Old Testament Study</i> , D. Winton Thomas
ARE	<i>Ancient Records of Egypt</i> , J. H. Breasted
Arndt	Arndt-Gingrich, <i>Greek-English Lexicon</i>
A-S	Abbot-Smith, <i>Manual Greek Lexicon of the New Testament</i>
ASAE	<i>Annales du service des antiquités de l'Egypte</i>
ASOR	American Schools of Oriental Research
ASV	American Standart Version (1901)
AT	Antigo Testamento
BA	<i>Biblical Archaeologist</i>
BASOR	<i>Bulletin of American Schools of Ori-</i>

BC	<i>ental Research</i> <i>The Beginnings of Christianity</i> , Foakes-Jackson and Lake	IOT	<i>Introduction to the Old Testament</i> , R. K. Harrison
BDB	Brown, Driver, and Briggs, <i>Hebrew- English Lexicon of the Old Testament</i>	IQM	Rolo de guerra da caverna 1 de Qumran
BDT	<i>Baker's Dictionary of Theology</i>	ISBE	<i>International Standard Bible En- cyclopaedia</i>
BETS	<i>Bulletin of the Evangelical Theologi- cal Society</i>	J	Fonte Jeová (Yahwista)
BJRL	<i>Bulletin of the John Rylands Library</i>	JAOS	<i>Journal of the American Oriental Society</i>
BS	<i>Bibliotheca Sacra</i>	JASA	<i>Journal of the American Scientific Affiliation</i>
BW	<i>Biblical World</i> , Charles F. Pfeiffer	JBL	<i>Journal of Biblical Literature</i>
CAH	<i>Cambridge Ancient History</i> (12 vols.)	JBR	<i>Journal of Bible and Religion</i>
CBQ	<i>Catholic Biblical Quartely</i>	JCS	<i>Journal of Cuneiform Studies</i>
CHT	<i>Christianity Today</i>	JEA	<i>Journal of Egyptian Archaeology</i>
CornPBE	G. Cornfeld, <i>Pictorial Biblical Ency- clopedia</i>	JerusB	Bíblia de Jerusalém
D	Fonte Deuteronomista	JETS	<i>Journal of the Evangelical Theologi- cal Society</i>
DeissBS	Deissman, <i>Bible Studies</i>	JewEnc	<i>Jewish Encyclopaedia</i>
DeissLAE	Deissman, <i>Light from the Ancient East</i>	JFB	Jamieson, Fausset e Brown, <i>A Com- mentary on the Old and New Testaments</i>
DOTT	<i>Documents from Old Testament Ti- mes</i>	JNES	<i>Journal of the Near Eastern Studies</i>
DSS	Rolos do Mar Morto	Jos Ant	Josephus, <i>Antiquities of the Jews</i>
E	Fonte Eloista	Jos Wars	Josephus, <i>The Jewish Wars</i>
EA	El-Amarna – cartas ou tábuas	JPS	Jewish Publication Society, <i>Version of the Old Testament</i>
EBC	<i>Everyman's Bible Commentary</i>	JQR	Jewish Quartely Review
EBi	<i>Encyclopaedia Biblica</i>	JSS	<i>Journal of Semitic Studies</i>
EDNTW	<i>Expository Dictionary of New Testa- ment Works</i> , W. E. Vine	JTS	<i>Journal of Theological Studies</i>
EGT	<i>The Expositor's Greek Testament</i> , W. R. Nicoll	KB	Koehler e Baumgartner, <i>Lexicon in Veteris Testamenti Libros</i>
EQ	<i>Evangelical Quartely</i>	KD	C. F. Keil e Franz Delitzsch, <i>Com- mentary on the Old Testament</i>
ERV	English Revised Version (1881-85)	Kittel	Rudolf Kittel, <i>Biblica Hebraica</i>
Euseb.	Hist.: Eusebius, <i>History of the Chris- tian Church</i>	KJV	King James Version (1611)
EV	English Versions (versões em inglês)	LAE	Veja DeissLAE
ExpB	<i>The Expositor's Bible</i>	LB	Living Bible
ExpGT	<i>The Expositor's Greek Testament</i>	LSJ	Liddell, Scott, Jones, <i>Greek-English Lexicon</i>
ExpT	<i>The Expository Times</i>	LXX	Septuaginta – A tradução grega do Antigo Testamento
FLAP	Jack Finegan, <i>Light from the Anti- ent Past</i>	MM	Moulton e Milligan, <i>The Vocabulary of the Greek Testament</i>
GTT	<i>Geographical and Topographical Texts of the Old Testament</i> , J. Simons	MNT	Moffatt's <i>New Testament Co- mentary</i>
HBD	<i>Harper's Bible Dictionary</i>	MSt	McClintock e Strong, <i>Cyclopaedia of Biblical, Theological and Ecclesiastical Literature</i>
HDAC	<i>Hastings's Dictionary of the Apostolic Church</i>	NASB	New American Standard Bible
HDB	<i>Hastings's Dictionary of the Bible</i>	NBC	<i>New Bible Commentary</i> , F. Davidson
HDGG	<i>Hastings's Dictionary of Christ and the Gospels</i>	NBD	<i>New Bible Dictionary</i> , J. D. Douglas
HE	<i>The Ecclesiastical History of Eusebius</i>	NEB	New English Bible
HERE	<i>Hastings's Encyclopaedia of Religion and Ethics</i>	Nestle	Nestle (ed.), <i>Novum Testamentum Graece</i>
HGHL	<i>Historical Geography of the Holy Land</i> , G. A. Smith	NIC (NT)	<i>New International Commentary</i> (so- bre o Novo Testamento)
HNTC	<i>Harper's New Testament Commentaries</i>	NJPS, NJV	New Jewish Version, da Jewish Publication Society
HR	Hatch and Redpath, <i>Concordance to the Septuagint</i>	NPOT	<i>New Perspectives on the Old Testa- ment</i>
HTR	<i>Harvard Theological Review</i>	NT	Novo Testamento
HUCA	<i>Hebrew Union College Annual</i>	NTS	<i>New Testament Studies</i>
IB	<i>Interpreter's Bible</i>	Onom.	<i>Onomasticon</i> , Eusebius
ICC	<i>International Critical Commentary</i>	P	Fonte Sacerdotal
IDB	<i>Interpreter's Dictionary of the Bible</i>	PEQ	<i>Palestine Exploration Quarterly</i>
IEJ	<i>Israel Exploration Journal</i>		
ILN	<i>Illustrated London News</i>		
Interp.	<i>Interpretação</i>		

Dicionário Bíblico Wycliffe

Philips	J. B. Phillips, o Novo Testamento no Inglês Moderno	c.	cerca
PS	Pentateuco Samaritano	CA	aparatado crítico
Ptol.	Ptolomeu de Alexandria (Claudius Ptolemaeus)	séc.	século
PTR	<i>Princeton Theological Review</i>	cf.	confira (ou compare)
RA	<i>Revue d'assyriologie et d'archéologie orientale</i>	cap(s).	capítulo(s)
RB	<i>Révue Biblique</i>	col.	coluna
RSV	Revised Standart Version	com.	comentário
RV	Revised Version	d.	falecido, ou data do falecimento
SBK	Strack e Billerbeck, <i>Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch</i>	ed.	editado, edição, editor
SCM	Student Christian Movement	e.g.	por exemplo (<i>exempli gratia</i>)
SDABD	<i>Seventh-day Adventist Bible Dictionary</i>	por ex.	por exemplo
SHERK	<i>New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge</i>	Egyp.	Egípcio
SOTI	<i>A Survey of Old Testament Introduction</i> , Gleason L. Archer	g.	Inglês
SPCK	Society for the Promoting of Christian Knowledge	et. al.	e outros
Tac. Ann.	<i>Anais de Tácito</i>	s., ss.	e seguinte(s) (para versículos, páginas, etc).
TAOTS	D. Winton Thomas, <i>Archaeology and Old Testament Study</i>	fem.	feminino
Targ.	Targum	fig.	figurativamente
TBC	<i>Tyndale Bible Commentaries</i>	Gr.	Grego
TDNT	<i>Theological Dictionary of the New Testament</i> , Kittel	Heb.	Hebraico
TM	Texto Massorético	<i>ibid.</i>	<i>ibidem</i> (no mesmo local)
TNTC	<i>Tyndale New Testament Commentaries</i>	id.	idem (o mesmo)
TR	Textus Receptus (Texto Recebido)	<i>i.e.</i>	isto é (<i>id est</i>)
TWNT	<i>Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament</i> , Kittel	ilus.	ilustração
UBD	<i>Unger's Bible Dictionary</i>	introd.	introdução
VBW	<i>Views of the Biblical World</i> , Benj. Mazar	L., Lat.	Latim
VT	<i>Vetus Testamentum</i> , Martin Noth	l.	linha
Vulg.	Vulgate Version (Vulgata)	lit.	literalmente
WBC	<i>Wycliffe Bible Commentary</i> , Pfeiffer e Harrison	loc. cit.	<i>loco citato</i> (no local citado)
WC	<i>Westminster Commentaries</i>	marg.	margem, leitura marginal
WH	Westcott-Hort, <i>Text of the Greek New Testament</i>	mil.	milênio
WHG	<i>Wycliffe Historical Geography of Bible Lands</i> , Pfeiffer e Vos	MS(S)	manuscrito(s)
W Int D	<i>Wesbster's International Dictionary</i>	n.d.	sem data
WTJ	<i>Westminster Theological Journal</i>	Nº	número
ZAW	<i>Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft</i>	<i>op cit.</i>	<i>opere citato</i> (na obra citada)
ZPBD	<i>Zondervan Pictorial Bible Dictionary</i>	p., pp.	página(s)
ZPBE	<i>Zondervan Pictorial Bible Encyclopedia</i>	par.	parágrafo
GERAL		pl.	plural
a.C.	antes de Cristo	publ.	publicação, publicado
d.C.	depois de Cristo	q.	fonte
Acad.	Acádio	q.v.	<i>quod vide</i> (veja)
Arab.	Árabe	re:	pertencente a, ligado a, referente a
Aram.	Aramaico	Rom.	Romano
art.	artigo	sec.	seção
aprox.	aproximadamente	sing.	singular
		s.v.	<i>sub verbo</i> (sob a palavra)
		trad.	traduzido
		viz.	<i>videlicet</i> (nominalmente)
		v., vv.	versículo(s)
ALGUNS ALGARISMOS ROMANOS			
		I (1)	XV (15)
		II (2)	XVI (16)
		III (3)	XVII (17)
		IV (4)	XVIII (18)
		V (5)	XIX (19)
		VI (6)	XX (20)
		VII (7)	XXX (30)
		VIII (8)	XL (40)
		IX (9)	L (50)
		X (10)	LX (60)
		XI (11)	LXX (70)
		XII (12)	LXXX (80)
		XIII (13)	XC (90)
		XIV (14)	C (100)

A

AARÁ Um filho de Benjamim (1 Cr 8.1). A relação dos filhos de Benjamim em Gênesis 46.21, não inclui o nome de Aará, mas Eí pode ser a mesma pessoa. Em Números 26.38, o terceiro filho de Benjamim tem o nome de Airão.

AAREL Talvez um descendente de Calebe. É certo que era da tribo de Judá e filho de Harum (1 Cr 4.8).

AASBAI Um maacatita, pai de Elifelete, um dos homens poderosos de Davi, conhecidos como os “trinta” (2 Sm 23.34). Na passagem paralela (1 Cr 11.35b,36a), seu nome parece ser Ur.

AAVA Cidade da Babilônia, junto a um pequeno rio ou canal de mesmo nome em cujas margens Esdras reuniu os judeus que deveriam retornar a Jerusalém com ele (Ed 8.15,21,31).

ABA (“pai” em aramaico) Nome pelo qual as pessoas dirigiam-se especialmente a Deus em oração. No NT, ele ocorre três vezes, sendo acompanhado pelo grego equivalente (Mc 14.36; Rm 8.15; Gl 4.6). Mas esse termo aramaico é suplantado pelas numerosas referências a Deus como Pai, nas quais, somente o termo grego aparece no NT. *Veja* Adoção; Deus.

ABÃ Um dos filhos de Abisur com Abiaíl na genealogia de Jerameel, um homem de Judá (1 Cr 2.29).

ABADOM Essa palavra ocorre seis vezes no AT (na versão RSV em inglês) como sendo o nome de um lugar (Jó 26.6; Pv 15.11; 27.20; Jó 28.22; Sl 88.11; Jó 31.12). Nas primeiras três, ela é um sinônimo de Seol. Nas seguintes, é usada para morte e túmulo. E, por último, ela pode ser entendida dentro de um sentido genérico de ruína. No NT, a palavra ocorre uma vez (Ap 9.11) como nome do anjo que reina sobre o mundo dos mortos (no grego *Apollyon*) especialmente como punição. *Veja* Apoliom; Morte, A.

ABAGTA Nome de um dos sete eunucos de Assuero (Xerxes I) mencionados em Ester 1.10 (um dos vários personagens persas do livro). Abagta foi enviado pelo rei para acompanhar a Rainha Vasti à festa real por ser um guarda do harém do rei. *Veja* Eunuco.

ABANA O primeiro dos dois rios de Damasco que Naamã (q.v.) preferiu ao Jordão (2 Rs

5.12); atualmente é chamado de Nar Barada. Tanto o nome Abana como Barada podem ter sido usados uma vez. O primeiro nome foi parcialmente preservado para um dos afluentes do rio Barada, Nar Baniyas (HDB). O último foi tirado da montanha de onde se originava. Amana (Ct 4.8), Amana dos escritores assírios (Montgomery, *Reis*, ICC, p.377) atualmente chamada Zebedani.

Originando-se na parte posterior do Líbano, ele flui por uma extensão de 37 quilômetros a noroeste e dobra de volume pelo torrencial ‘Ain Fijeh ao lançar-se em cascata, montanha abaixo. Atravessando a planície de Damasco, o rio divide-se em diversos braços para, finalmente, perder-se num lago lamacento no lado oriental. A beleza e a fertilidade de Damasco se devem principalmente às suas águas claras e frescas que criam aquilo



O rio Abana (moderna Barada), que flui através do centro da cidade de Damasco. HFV

que escritores árabes descrevem com ternura como “o jardim de Alá”. Se aparência fosse tudo, a parcialidade de Naamã dificilmente poderia ser evitada.

ABANADOR As formas substantivas são usadas duas vezes tanto no AT como no NT (Is 30.24; Jr 15.7; Mt 3.12; Lc 3.17). O significado em todos os usos é simplesmente “pá”. O termo heb. *mizreh* é definido como uma pá ou forquilha para ventilar o trigo, provavelmente com seis dentes, e o termo Gr. *ptuon* é aplicado para a pá de joeirar, usada para lançar os grãos ao vento. *Veja* Forquilha; Agricultura.

As formas do verbo *zara* são encontradas quatro vezes traduzidas como “padejar” em várias versões (Is 41.16; Jr 4.11; 15.7; 51.2), significando “joeirar”. O verbo é usado figurativamente como “dispersar” um inimigo.

ABARIM São os promontórios do lado ocidental do vale de Moabe, que estão diante do Vale do Jordão e do Mar Morto. Vistos a partir do lado ocidental do vale aos seus pés, eles parecem ser uma cadeia de montanhas que se eleva a uma altura de até 1.300 metros acima do Mar Morto. Nesse local os israelitas acamparam brevemente (Nm 33.47,48). A partir do Monte Nebo (Pisga, q.v.), Moisés viu Canaã (Nm 27.12; Dt 32.49). Jeremias (22.20) faz a ligação de Abarim com o Líbano e Basã por causa da natureza montanhosa de seu terreno.

ABDA

1. Pai de Adonirão, um oficial encarregado dos trabalhos forçados no reino de Salomão (1 Rs 4.6).

2. Filho de Samua, um levita da família de Jedutum que morou em Jerusalém após o Exílio (Ne 11.17). Em 1 Crônicas 9.16, ele é chamado de “Obadias, o filho de Semaías”.

ABDEEL Pai de Selemias (Jr 36.26) que serviu a Jeoaquim. Selemias recebeu ordem do rei para ajudar a prender o profeta Jeremias e seu escrivo Baruque.

ABDI

1. Um levita, pai de Quisi e avô de Etã, cantor de Davi (1 Cr 6.44).

2. Um levita, pai de Quisi que serviu no início do reinado de Ezequias, e que foi considerado por alguns como o mesmo acima (2 Cr 29.12).

3. Um dos filhos de Elão da época de Esdras, que mandou embora sua esposa estrangeira (Ed 10.26).

ABDIEL Filho de Guni, pai de Ai, que era um gadita que vivia em Gileade ou Basã (1 Cr 5.15-17).

ABDOM

1. Cidade levítica em Aser, designada para os gersonitas (Js 21.30; 1 Cr 6.74). Provavelmente, é a moderna Khirbet ‘Abdeh, nas montanhas, vinte quilômetros a noroeste de Acre. Possivelmente “Abdom” também deve ser lido onde a versão RSV diz “Ebrom” e onde a KJV diz “Hebrom” em Josué 19.28 (Kittel, BH; BDB, p. 715).

2. Um juiz de Israel durante oito anos (Jz 12.13-15). Era filho de Hilel de Piratom, uma montanhosa cidade na terra de Efraim a 11 quilômetros a sudoeste de Siquém, atualmente chamada de Far’atah. Uma nota especial é feita aos símbolos da posição de sua família – 70 asnos e potros montados por seus 70 filhos e netos.

3. Um corteão de Josias, rei de Judá, enviado para descobrir o significado do livro da lei encontrado no Templo (2 Cr 34.20). Ele também é chamado de Acbor (2 Rs 22.12,14; provavelmente também em Jeremias 26.22; 36.12).

4. Um benjamita de Gibeão, primogênito de Jeiel e Maaca e irmão do avô de Saul, Ner (1 Cr 8.30; 9.35,36).

5. Um dos vários benjamitas que moravam em Jerusalém (1 Cr 8.23,28).

ABE Nome babilônio para o quinto mês da religião hebraica (julho-agosto) e décimo primeiro mês do calendário civil. *Vej*a Calendário.

ABEDE-NEGO Nome babilônico de Azarias, companheiro de Daniel no exílio (Dn 1.1-7). Esse nome, que significa “servo de Nebo” foi-lhe dado ao ser capturado. Como Nebo era o principal deus da Babilônia, acredita-se que os escribas mudaram seu nome para “nego” para não honrar uma divindade pagã.

Abede-Nego estava entre os hebreus cativos levados para a Babilônia por Nabucodonosor no ano 605 a.C. (Dn 1.1). Junto com seus compatriotas, recusou-se a comer “alimento impuro”, enquanto aprendia a cultura dos caldeus na corte do rei. Dias depois, tornou-se um dos conselheiros ou um dos homens sábios do rei (Dn 1.20) e, mais tarde, foi promovido a uma posição administrativa (Dn 2.49). Sua fama vem de sua recusa a negar seu Deus, mesmo sob ameaça de morte (Dn 3.12-18). Depois de sobreviver milagrosamente a uma fornalha ardente, recebeu mais uma promoção do tirano castigador. Ele é citado em 1 Macabeus 2.59 e apresentado em Hebreus 11.33,34.

ABEL

1. Segundo filho de Adão. Era pastor. Ele oferecia a Deus “os primogênitos do rebanho”, uma oferta mais aceitável que a de Caim, composta de grãos e vegetais. Não está explícito se ele era o preferido porque sua oferta incluía a vida e, portanto, representava o símbolo da vida, ou porque era oferecida com um espírito mais sincero. Num ímpeto de ira, Caim matou-o e tentou eximir-se dessa responsabilidade. Abel tornou-se o modelo de um mártir que sofre por sua fé (Mt 23.35). Foi honrado por Jesus e aparece na galeria dos heróis da fé (Hb 11.4). Embora sua oferenda fosse superior à de Caim, era inferior à de Jesus Cristo (Hb 12.24). Pode ser dito a respeito dele que foi o primeiro pastor, o primeiro a oferecer sacrifícios de animais, o primeiro homem justo (Mt 23.35; 1 Jo 3.12) e, o primeiro mártir. Ele foi vítima da mesma espécie de ciúme insano que tirou a vida de Jesus.

2. Abel (“prado”) é um termo que compõe vários outros nomes de lugares, como, por exemplo, Abel-maim.

3. Aparentemente idêntico a Abel-Bete-Maaca (q.v.) em 2 Samuel 20.14.

G.A.T.

ABEL-BETE-MAACA Também Abel (2 Sm 20.14); Abel-Maim (2 Cr 16.4); Bete-Maaca (2 Sm 20.14,15). Consulte cada verbete isoladamente.

Cidade fortificada da tribo de Naftali, localizada a leste de Dã, cerca de 19 quilômetros ao norte do Lago Hule, ao norte de Israel. Ela comandava a interseção de uma importante rota comercial que ligava o Mediterrâneo a Damasco e mais uma outra que vinha do norte, a partir de Hazor. É o lugar onde Seba, filho de Bicri, refugiou-se quando sua revolta contra Davi fracassou (2 Sm 20.13-18). Estava entre as cidades israeli-



Tel-Abil, o lugar de Abel-Bete-Maaca

tas capturadas por Ben-Hadade de Damasco (1 Rs 15.20) e mais tarde por Tiglate-Pileser (2 Rs 15.29). Ela corresponde à moderna Tel-Abil em Israel.

ABELHA *Veja* Animais: Abelha III.1.

ABEL-MAIM Uma forma alternativa para Abel-Bete-Maaca (q.v.) em 2 Crônicas 16.4.

ABEL-MEOLÁ Provavelmente um lugar a leste do Jordão, embora o local não tenha sido localizado exatamente, para onde os midianitas fugiram do vale do Jezreel quando perseguidos por Gideão (Jz 7.22). A cidade é mais conhecida como o lar do profeta Eliseu (1 Rs 19.16,19-21). Durante o reinado de Salomão, fazia parte do distrito localizado nos dois lados do Jordão e seu centro ficava em Bete-Seã (1 Rs 4.12).

ABEL-MIZRAIM Um outro nome para Atade, que fica a leste do Jordão e ao norte do Mar Morto, onde a procissão fúnebre de Jacó parou para lamentar a morte do patriarca antes de entrar em Canaã para o enterro (Gn 50.11). Anteriormente chamada de “campo de debilidade de Atade” agora ficou conhecida como “campo de lamentação do Egito” por causa dos poderosos homens do Egito que tomaram parte na cerimônia (Gênesis 50.7). Existe um jogo de palavras com o nome *‘abel*, “prado” e *‘ebel* “lamentação”. Aparentemente, os novos habitantes do Negebe tornaram a rota direta a Hebrom extremamente perigosa.

ABEL-SITIM Um lugar anteriormente cha-

mado Sitim (q.v.) nas planícies de Moabe onde Israel acampou antes de atravessar o Jordão para atacar Jericó. Durante esse acampamento (Nm 33.49) ocorreu o episódio de Balaão (Nm 22-24), a invasão do acampamento pela idolatria de Midiã (Nm 25) e a guerra contra os midianitas (Nm 31).

ABENÇOAR, BÊNÇÃO O ato de uma pessoa abençoar outra pode ser considerado sob diversos aspectos:

1. Deus abençoando o homem (Gn 1.28; 12.2; 22.17; 32.29; Êx 20.24; 23.25; Dt 1.11; 15.10; 2 Sm 6.11; Sl 28.9; 45.2; 107.38; Ef 1.3; Hb 6.14). A bênção de Deus, que vem de um Deus sábio, onipotente e onipresente, é sempre eficiente, tanto para suprir as necessidades humanas dessa vida, como da vida no mundo por vir (Mt 6.33; Jo 10.27-30; Mt 25.34; Ap 22.14).

2. O homem levando algo a Deus equivalente a uma bênção (Salmos 63.4; 103.1,2; 104.1; 145.1-3) ao reconhecer e louvar aquelas grandes qualidades inerentes à Pessoa Divina, expressando seu agradecimento e a gratidão que sente em relação a Ele e ao Seu nome.

3. Homens abençoando outros em orações particulares, tais como um pai abençoando seus filhos um pouco antes de uma morte esperada, acompanhadas por uma profecia, como quando Isaque abençoou Jacó e Esaú (Gn 27.26-40), quando Jacó abençoou seus filhos (Gn 49.1-7), quando Moisés abençoou os filhos de Israel (Dt 33.1-29) e quando Simeão abençoou a santa família (Lc 2.34).

4. Sacerdotes do AT abençoando o povo do Senhor (Lv 9.22,23; Nm 6.24-26; 1 Sm 2.20) e líderes cristãos fazendo o mesmo no NT (Cl 1.9-14; Hb 13.20,21) em orações e ações de graças.

5. A bênção do alimento antes de ser ingerido, como, por exemplo, a bênção do cálice nas festas judaicas, como foi feito por Cristo quando Ele instituiu a nova aliança em seu sangue (Mt 26.26-28). A igreja deu continuidade a essa tradição na Ceia do Senhor, como está indicado em 1 Coríntios 10.16: “Porventura, o cálice de bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo?”

Muitas vezes, a descrição de um estado de bem-aventurança, ou de felicidade, é introduzido através de palavras hebraicas distintas: *ash^{re}* (Sl 1.1; 2.12; 32.1,2 etc.) e gregas *makarios* (Mt 5.3-11; 11.6 etc.) ambas denotando quem é verdadeiramente feliz perante o Senhor.

Bibliografia. Hermann W. Beyer, “*Eulogoe* etc.,” TDNT, II, 754-765.

R.A.K.

ABI Em 2 Reis 18.2, Abi é mencionada como sendo o nome da mãe de Ezequias, rei de Judá. Ela também é chamada de Abia (q.v.) como em 2 Crônicas 29.1.

ABIAIL

1. Um levita, pai de Zuriel, que era chefe da família de Merari na época de Moisés (Nm 3.35).
2. A esposa de Abisur, um jeramelita da tribo de Judá (1 Cr 2.29).
3. O filho de Huri, da tribo de Gade, chefe de uma família em Basã, na época de Jotão, rei de Judá (1 Cr 5.14).
4. Uma das esposas de Roboão, um dos descendentes de Eliabe, irmão mais velho de Davi (2 Cr 11.18).
5. O pai de Ester e tio de Mardoqueu (Et 2.15; 9.29).

ABI-ALBOM Um dos 30 homens poderosos (2 Sm 23.31) que estavam em volta de Davi, servindo-o como guarda-costas. Abi-Albom é chamado de Abiel (q.v.) numa passagem semelhante em 1 Crônicas 11.32.

ABIAS¹

1. Neto de Salomão através de Roboão, pai de Asa (1 Cr 3.10; Mt 1.7).
2. Descendente de Arão, que era chefe da oitava divisão da ordem dos sacerdotes de Davi (1 Cr 24.10). Zacarias, pai de João Batista, pertencia a essa divisão (Lc 1.5).
3. Segundo filho de Samuel que foi nomeado juiz de Berseba e cuja conduta apressou a exigência de Israel de ter um rei como as outras nações (1 Sm 8.2-5; 1 Cr 6.28).
4. A esposa de Hezrom (1 Cr 2.24).
5. Um dos filhos de Bequer e neto de Benjamim (1 Cr 7.6,8).

ABIAS²

1. Um dos filhos de Jeroboão I, rei de Israel. Quando o menino esteve gravemente doente, Jeroboão enviou sua esposa disfarçada para fazer um apelo ao profeta Aias. O profeta, avisado por Deus, disse à mulher que por causa do pecado e da apostasia de Jeroboão, os juízos de Deus viriam sobre os seus descendentes e os consumiria, e, quanto a Abias, assim que ela entrasse na cidade o menino morreria (1 Rs 14.12). O menino morreu conforme havia sido profetizado, mas salvo da ira que estava prestes a cair sobre Jeroboão, porque “se achou nele coisa boa para com o Senhor, Deus de Israel” (1 Rs 14.13).
2. Filho de Roboão e seu sucessor no trono de Judá (2 Cr 12.16). Em algumas traduções em inglês também foi chamado de Abia (1 Cr 3.10) e de Abijam (1 Rs 14.31; 15.1-8). Sua mãe era Maaca (1 Rs 15.2) ou Micaia (2 Cr 13.2), neta de Absalão. O principal episódio desse breve reinado de três anos foi a batalha na qual ele decididamente derrotou Jeroboão de Israel. O acontecimento notável dessa batalha foi um discurso de Abias ao exército inimigo no qual ele proclamou a presença de Deus com Judá e criticou os israelitas pela sua apostasia (2 Cr 13). Entretanto, ele seguiu os mesmos pecados de seus

pais, imitando sua degradante poligamia com 14 esposas (1 Rs 15.3; 2 Cr 13.21).

3. Um descendente de Arão que era sacerdote na época de Davi. Ele foi feito chefe da oitava, dentre as 24 turmas em que Davi dividiu todo o sacerdócio para os serviços (1 Cr 24.10).

4. A filha de Zacarias e esposa do rei Acáz (2 Cr 29.1). Ela foi chamada de Abi em 2 Reis 18.2. Foi a mãe do rei Ezequias.

5. Um sacerdote, pai de Zicri (Ne 12.1-4,17) que retornou com Zorobabel para reconstruir o Templo depois do Exílio. Caso seja a mesma pessoa, numa idade avançada também selou o pacto de Neemias pelo qual o povo comprometia-se a voltar a se dedicar a Deus (Ne 10.7).

P. C. J.

ABIASAFE Provavelmente o mesmo que Ebiasafe. Um levita que é o último descendente de Levi através de Cora, a ser mencionado (Êx 6.24). Existe uma diferença de opiniões quanto a sua identidade em relação a Ebiasafe, um antepassado do grande músico Hemã da época de Davi (1 Cr 6.23,37; 9.19).

ABIATAR Um sacerdote da antiga linhagem de Eli. Aparentemente, o nome de seu pai era Aimeleque (1 Sm 22.20) e um de seus filhos tinha o mesmo nome (2 Sm 8.17). *Veja* Aimeleque. Quando Saul assassinou os sacerdotes do Senhor em Nob, Abiatar escapou e fugiu para Davi, a quem serviu e carregava a arca do Senhor quando necessário. Frequentemente (pelo menos oito vezes), Zadoque e Abiatar são mencionados juntos (Zadoque sempre em primeiro lugar) como sumo sacerdotes na época de Davi. Na rebelião de Absalão, Abiatar permaneceu fiel à causa de Davi. Entretanto, quando mais tarde Adonias tentou se apoderar do trono, Abiatar somou-se ao seu grupo e foi, finalmente, deposto por Salomão, e recebeu ordens para permanecer em sua cidade natal, Anatote. Salomão poupou sua vida por ter fielmente compartilhado as aflições de Davi. Quando Abiatar foi deposto, cumpriu-se a condenação predita contra a casa de Eli, como mencionado em 1 Reis 2.27. Se em 2 Samuel 8.17 Zadoque e Aimeleque são inesperadamente citados em conjunto, pode ser que Abiatar tenha colocado Abimeleque como seu assistente devido à sua idade avançada.

Quando Jesus diz, em Marcos 2.26, que Davi veio para requisitar o pão do ritual judaico quando “Abiatar era sacerdote” enquanto a passagem em 1 Samuel 22.11ss. diz que Aimeleque preencheu aquele cargo, aparentemente o filho Abiatar pode ser considerado como aquele que se projetou de maneira mais proeminente.

C.L.

ABIBE

1. Espigas novas de cevada (do hebraico, Êx 9.31; Lv 2.14) maduras, mas ainda macias, comidas raladas ou assadas (KB).

2. Esse nome cananita foi dado ao mês (março-abril) em que a cevada amadurecia. Também era chamado de “princípio dos meses” (Êx 12.2) e “mês primeiro” (Lv 23.5) da vida nacional de Israel. Ano após ano, Abibe simbolizava a presença do Senhor nos eventos do Êxodo lembrados com os rituais da Festa dos Pães Asmos (Êx 13.4; 23.25; 34.18) e da Páscoa (Dt 16.1) e que ocorriam durante esse mês. Abibe equivale ao Nisan babilônico, nome pelo qual o mês era chamado depois do Cativeiro (Ne 2.1; Et 3.7). Não está claro se a distinção feita por Josefo entre os anos rituais e civis, começando respectivamente na primavera (Nisan) e outono (Tisri), têm uma origem anterior ou posterior (Jos. Ant. i.3.3). *Veja* Calendário.

ABIDÃ Filho de Gideoni (Nm 1.11). Como príncipe da tribo de Benjamim, ele representou essa tribo no censo realizado no deserto (Nm 2.22). E também esteve presente na dedicação do Tabernáculo (Nm 7.60,65).

ABIDA Filho de Midiã e neto de Abraão e Quetura (1 Cr 1.33), também mencionado em Gênesis 25.4.

ABIEL

1. Um benjamita, provavelmente pai de Ner, que era avô de Saul e Abner (1 Sm 9.1; 14.51).

2. Um arbitra, um dos homens poderosos de Davi (1 Cr 11.32) chamado, em 2 Samuel 23.31 de Abi-Albom. O nome ocorre também em Acadiano e no antigo Árabe do sul, significando “Ele é o meu pai.”

ABIEZER, ABIEZRITAS

1. Fundador de uma família à qual pertencia o juiz Gideão, chamado Jezer ou Iezer em Números 26.30. O termo abiezritas identifica os descendentes de Abiezer (Jz 6.11,24; 8.32).

2. Uma família descendente de Manasseés, à qual foram dadas algumas terras em Canaã (Js 17.2; 1 Cr 7.18).

3. Um membro dos 30 homens poderosos de Davi, um benjamita (2 Sm 23.27; 1 Cr 27.12). Tel-Abil, o lugar de Abel-Bete-Maaca.

ABIGAIL

1. Esposa de Nabal de Maom, nas proximidades do Carmelo, no território da tribo de Judá. Era uma mulher formosa e de bom senso. Quando Nabal tratou Davi grosseiramente, este ficou muito irritado e queria vingar-se. Abigail, ouvindo a loucura de seu esposo, preparou uma generosa dádiva de suportes e levou a Davi e seus homens. Com prudentes palavras de reconciliação, ela controlou sua ira e salvou a vida de Nabal. Mas,

cerca de dez dias depois, ele morreu, aparentemente de um derrame. Davi admitiu que a mulher havia evitado que ele cometesse um ato extremamente grave ao procurar vingar-se de seu inimigo (1 Sm 25).

Depois disso, sentiu-se livre para cortejá-la tendo ficado profundamente impressionado por sua prática discrição e bom senso. Quando se viu obrigado a fugir para Gate, levou-a consigo (1 Sm 27.3). Abigail foi uma de suas seis esposas naqueles dias. Em Hebrom, ela teve um filho de Davi, chamado Quileabe, seu segundo filho (2 Sm 3.3). Entretanto, em 1 Crônicas 3.1 esse filho é chamado de Daniel.

2. Nome de uma irmã de Davi que se tornou mãe de Amasa (1 Cr 2.16 s.).

H. C. L.

ABILENE Território localizado nas colinas orientais das Montanhas na parte posterior do Líbano. Recebeu o mesmo nome da capital Abila, que ficava cerca de 30 quilômetros a noroeste de Damasco, na margem sudoeste do rio Wadi Barada, o antigo Rio Abana (2 Rs 5.12). Fazia parte da tetrarquia de Lisâneas (Lc 3.1, a única referência bíblica). *Veja* Lisâneas. Isso foi confirmado através de uma inscrição dessa época. No ano 37 d.C. esse território foi dado pelo imperador romano a Herodes Agripa I. Do ano 44 até 53 d.C., o território foi administrado por procuradores. No último ano, ele foi confirmado pelo imperador Cláudio a Herodes Agripa II. Ao se aproximar o final do século, tornou-se novamente parte da província da Síria. Ele pode ser identificado com a vila chamada es-Suk, ou Suq Wadi Barada, numa região desértica e panorâmica, repleta de cenários formados por penhascos de calcário e desfiladeiros.

ABIMAEL Um dos filhos de Joctã, um descendente de Sem, suposto fundador da tribo entre os árabes (Gn 10.28; 1 Cr 1.22). Tais nomes com um *m* no meio são encontrados tanto no Árabe do sul (*Abmi'-athar*) quanto em Acadiano (*Ili-ma-abi*).

ABIMELEQUE

1. O primeiro homem do AT a levar esse nome foi o rei de Gerar, um dos primeiros filisteus a residir na Palestina que se distinguiu dos posteriores guerreiros filisteus que ao final do segundo milênio emigraram de sua terra natal em Caftor (provavelmente Creta q.v.) e se estabeleceram ao longo da costa sul. É bastante provável que esses “povos do mar” tenham chegado à Palestina em ondas de migração no decorrer do segundo milênio. O clã de Abimeleque encontra-se entre os primeiros colonos. Acredita-se que Gerar deva ter tido sua localização a alguns quilômetros a sudeste de Gaza.

Abraão disse a Abimeleque uma meia verdade, isto é, que Sara era sua irmã (Gn 20.2-



Prováveis ruínas do templo de Baal Berite
(Jz 9.46-49) em Siquém. HFV

18). Abimeleque, cuja esposa era estéril, acreditou que Sara fosse solteira e tomou-a como sua esposa. Mais tarde ficou sabendo de toda a verdade através de um sonho, pelo qual também compreendeu que Abraão era um profeta do Senhor que podia orar por ele. Depois de ter expressado uma pequena repreensão a Abraão, o bom filisteu Abimeleque não só devolveu Sara intocada, como também deu os presentes de Abraão de cabeças gado, servos e prata. A oração de Abraão por Abimeleque foi respondida, e as evidências foram os frutos produzidos pelas mulheres de toda a sua família. Mais tarde aconteceu um pequeno desentendimento entre os dois abastados lares sobre a posse de um poço (Gn 21.22-32). O juramento de um pacto trouxe novamente a paz, e os hebreus deram seu nome a um oásis em Berseba ("o poço do juramento"). *Veja também* Filisteus.

2. Outro rei de Gerar na época de Isaque também foi chamado de Abimeleque (Gn 26.1,6-17). A experiência de Isaque foi muito semelhante à de seu pai Abraão. Ele também foi a Gerar por causa da fome. Temendo por sua vida por causa da beleza de sua esposa, Isaque disse que ela era sua irmã. Abimeleque soube de toda a verdade e repreendeu Isaac. O sucesso de Isaque na agricultura e na reabertura de poços cavados por seu pai fez com que as pessoas ficassem invejosas, de forma que Abimeleque pediu a Isaque que partisse. Mais tarde foi feito um pacto entre Isaque e Abimeleque, como havia sido feito anteriormente entre Abraão e o primeiro Abimeleque (Gn 26.26-31).

3. No título do Salmo 34, Aquis, o rei filisteu de Gate na época de Davi (1 Sm 21.10) é chamado de Abimeleque. É possível que Aquis (q.v.) fosse o seu nome de nascimento e que ele tenha ficado conhecido entre os moradores de Canaã como Abimeleque (assim como

no caso do rei assírio Tiglate-Pileser III que também era chamado de Pul em certas partes de seu reino). Abimeleque também pode ter sido um título popular para os reis entre os hebreus. É um fato bem conhecido que a titularidade dos reis egípcios consistia em cinco nomes para cada rei.

4. O filho de Gideão (Jz 8.30-9.54) teve o título de Abimeleque. Parente, através de sua mãe, do povo de Siquém que adorava o deus Baal-berite, Abimeleque recebeu dinheiro do tesouro de Baal-berite e com ele procurou homens maus para ajudá-lo a assassinar os seus 70 irmãos. O povo de Siquém rapidamente proclamou-o rei. Entretanto, Jotão, o caçula, escapou e viveu para proferir uma parábola contra o seu presunçoso irmão. Nessa parábola ele comparava Abimeleque a um arbusto espinhoso que governava todas as árvores e profetizou que os homens de Siquém e Abimeleque iriam se destruir mutuamente. Em três anos a profecia começou a se cumprir quando o povo de Siquém se virou contra Abimeleque.

Outra complicação foi introduzida na narrativa com o aparecimento de Gaal, filho de Ebete, que ganhou a confiança da maioria dos homens de Siquém. Entretanto, Zebul, um dos governantes de Siquém, informou Abimeleque da situação e este, por meio de uma emboscada, expulsou Gaal e seu povo. Mas Abimeleque ainda tinha que conquistar a cidade de Siquém e isso exigia algumas engenhosas táticas militares (Jz 9.43-45). Finalmente, a cidade foi conquistada e coberta de sal, uma medida que tinha a finalidade de estragar o solo durante muitos anos. Como era costume geral, muitos dos senhores de Siquém procuraram refúgio na cidadela do templo do deus Berite. O sanguinário Abimeleque ateou fogo na torre do templo e queimou-os vivos. No processo de conquista de Tebes, uma cidade próxima, o povo também se refugiou em sua forte torre, mas o propósito de Abimeleque de queimá-la foi frustrado por uma mulher que jogou um pedaço de pedra de moinho sobre a sua cabeça, e assim lhe quebrou o crânio, dando fim à sua ímpia e criminoso carreira.

E. B. S.

ABINADABE

1. Irmão mais velho de Davi (1 Sm 16.8; 17.13).

2. Um dos filhos de Saul que morreu com ele na batalha de Gilboa (1 Sm 31.2; 1 Cr 8.33; 9.39; 10.2). Também foi chamado de Isvi em 1 Samuel 14.49.

3. O personagem mais conhecido que leva esse nome era o homem de Quiriate-Jearim em cuja casa a arca de Deus permaneceu durante 20 anos e de cuja casa Davi, com muito trabalho, trouxe a arca para Jerusalém (1 Sm 7.1; 2 Sm 6.3,4; 1 Cr 13.7).

4. O "filho de Abinadabe" (1 Rs 4.11) é apre-

sentado como “Ben-Abinadabe” nas versões ASV e RSV em inglês.

ABINOÃO Um nativo de Quedes em Naftali, pai de Baraque (Jz 4.6,12; 5.1,12). Esse nome também é encontrado em antigas inscrições do S Arábico.

ABIQUEILA Um descendente de Judá chamado Abiqueila, o garmita (1 Cr 4.19).

ABIRÃO

1. Um rubenita, filho de Eliabe que, com seu irmão Datã, juntou-se a Om e Coré (um levita) para organizar uma ciumenta conspiração contra Moisés e Arão no deserto (Nm 16.1,12,24-27; 26.9; Dt 11.6; Sl 106.27). Ele morreu tragicamente (com Coré e Datã) quando a terra milagrosamente se abriu e os engoliu (em aproximadamente 1.430 a.C.).

2. Filho primogênito de Hiel, o betelita (1 Rs 16.34) que morreu quando seu pai, como um tolo, tentou reedificar as fundações de Jericó (em cerca de 870 a.C.). Sua morte trágica cumpriu a notável profecia de Josué (Js 6.26). (Talvez Hiel tenha revivido um antigo costume dos moradores de Canaã de oferecer seu primogênito em sacrifício pelas fundações).

ABISAGUE De acordo com 1 Reis 1.4, era uma mulher solteira de extraordinária beleza (em hebraico, *na'ara b'tula*) que cuidou do rei Davi em sua velhice. Embora um de seus deveres, nas palavras dos servos do rei, era que estivesse “perante o rei”, e tivesse “cuidado dele”, e dormisse “no seu seio, para que o rei, nosso senhor, aqueça” (1 Rs 1.2) não se pode inferir que ela tenha se tornado sua esposa (v. 4). Seu propósito era apenas tornar o ancião confortável. Eles “cobriam-no de vestes, porém não aquecia”. Depois da morte de Davi, Adonias, um meio irmão mais velho de Salomão, que era um rival competindo pelo reinado, pediu a Salomão a mão de Abisague em casamento. Salomão interpretou esse ato como uma possível pretensão ao trono aos olhos do povo e imediatamente mandou executar Adonias.

ABISAI Neto de Jessé, era filho da irmã de Davi, Zeruia, que teve três filhos: Abisai, Joabe e Asael (1 Cr 2.25-16). Abisai parece ter sido um impetuoso e competente soldado, completamente devotado a Davi porque era o indicado pelo Senhor. Em 1 Samuel 26.6-9, Abisai foi à noite, com Davi, ao campo do adormecido Saul, mas foi impedido de matá-lo com a sua própria espada. Ele juntou-se a seu irmão Joabe para perseguir o infeliz Abner que foi forçado a matar seu irmão Asael durante uma peleja resultante de uma disputa a respeito de um cinto (2 Sm 2.18-24).

Há numerosos exemplos da devoção de Abisai por Davi e de seu caráter como herói militar. Enfrentando os amonitas e os sírios,

pela frente e por detrás, Joabe dividiu seu exército e deu ao irmão Abisai os guerreiros menos heróicos para enfrentar Amom enquanto Joabe lutava contra os sírios; ambos saíram vitoriosos (2 Sm 10). Foram necessários um exército e um vigoroso General Abisai para matar 18.000 edomitas no vale do Sal e erguer guarnições em Edom (1 Cr 18.12,13). Ele era um soldado completo até no pensamento; a traição merecia a morte. Quando o benjamita Simei amaldiçoou o exilado Davi, Abisai queria matá-lo imediatamente. “Por que amaldiçoaria este cão morto ao rei, meu senhor? Deixa-me passar, e lhe tirarei a cabeça”. Mas Davi considerou seu infortúnio como vindo do Senhor (2 Sm 16.7-14). Mais tarde, em 2 Samuel 19.21, quando Davi perdoou Simei, mais uma vez foi Abisai que pediu a sua execução.

Abisai comandou um dos três regimentos do exército em exílio de Davi que levou a rebelião de Absalão a uma rápida conclusão. Na rebelião de Seba, Joabe e Abisai assumiram o comando de seu mal escolhido primo Amasa e foram em perseguição do rebelde até a colônia da fronteira de Abel-Bete-Maaca, onde a cabeça de Seba lhes foi lançada por cima dos muros (2 Sm 20). Nos últimos anos de Davi, Abisai salvou o rei das mãos de um gigante filisteu e depois disso Davi nunca mais foi às batalhas (2 Sm 21). De acordo com 2 Samuel 23.15-18, Abisai parece ter sido o líder dos três homens poderosos que arriscaram sua vida para levar a Davi a água retirada de um poço em Belém. Aqui ficamos sabendo que ele matou 300 com a sua lança.

ABISMO¹ (Literalmente “sem fundo”). Essa palavra aparece apenas nove vezes no NT. Foi traduzida sete vezes como o “poço do abismo” (Ap 9.1,2,11; 11.7; 17.8; 20.1,3). Nas duas outras ocorrências, o termo é traduzido como “abismo” (Lc 8.31; Rm 10.7).

Sua utilização no NT teve origem aparentemente na Septuaginta (LXX). Nesta, ela geralmente corresponde à tradução de *te hom*, começando em Gênesis 1.2. Em cada caso, a principal referência é apenas à profundidade dos oceanos (por exemplo, Salmos 77.16). Aqueles intérpretes que supõem que os hebreus adotaram a cosmologia pagã do antigo Oriente Próximo imaginam toda a sorte de referências à mitologia do mundo (veja BDB, pp. 1062-1063). Mas somente podemos dar como certo o seguinte: que sendo a linguagem e o aspecto do AT fenomenais, isto é, que empregam a linguagem comum da aparência, a profundidade do oceano é citada poeticamente como o oposto da abóbada celeste que está acima de nós. Paulo emprega uma linguagem semelhante e usa a palavra abismo em Romanos 10.6,7.

Adotada, então, como um remoto oposto ao céu (a morada de Deus), essa palavra é em-

pregada para nomear a residência atual dos espíritos malignos. Esse é o melhor entendimento de Romanos 10.7 (Jesus não enviou demônios para morar em um lago, Lucas 8.31) e de todos os seus outros usos no NT, a não ser em Romanos 10.6,7 onde a palavra simplesmente indica a mais longínqua posição possível abaixo da terra.

Estudos feitos com essa palavra na LXX, nos clássicos e no NT não fornecem qualquer informação sobre a geografia do mundo inferior. *Veja* Poço do Abismo; Mortos, os; Inferno. R.D.C.

ABISMO² Uma tradução do termo gr. *chasma*, em Lucas 16.26; uma fenda profunda que separa dois lugares. O Senhor Jesus Cristo afirma com a sua autoridade que um vasto abismo foi fixado por decreto irrevogável entre o paraíso (“o seio de Abraão”, q.v.) e o hades, a fim de que as pessoas, na próxima vida, não possam atravessá-lo (cf. Hb 9.27). O gr. *chasma* pode ser encontrado em outras descrições do juízo final em 1 Enoque 18.11; Diógenes Laércio 8.31; e Platão na obra *Republic* X.614.

ABISUA

1. Um benjamita, filho de Belá (1 Cr 8.4).
2. Um descendente de Arão que era filho de Finéias, o sacerdote, antecessor de Esdras (1 Cr 6.4,50; Ed 7.5).

ABISUR Um homem de Judá, segundo filho de Samai relacionado na genealogia de Jerameel. Ele era marido de Abiail (1 Cr 2.28,29).

ABITAL Uma das esposas de Davi (quinta), mãe de Sefatias, que nasceu em Hebrom (2 Sm 3.2,4).

ABITUBE Um benjamita que nasceu em Moabe, filho de Saaraím (1 Cr 8.8-11).

ABIÚ Segundo filho de Arão (Êx 6.23) que foi consagrado ao sacerdócio com seus três irmãos Nadabe, Eleazar e Itamar (Êx 28.1; Nm 3.2; 1 Cr 24.1). Com seu irmão mais velho, Nadabe, Abiú foi com os anciãos de Israel, Moisés e Arão ao cume do monte de Deus (Êx 24.1,9). Quando ele e seu irmão Nadabe ofereceram “fogo estranho” sobre o altar, foram mortos instantaneamente (Lv 10.1,2). A proibição contra o uso de substâncias inebriantes que acompanham esse relato (v. 9) levou alguns comentaristas a acreditarem que os irmãos estavam embriagados quando morreram. Eles não tiveram filhos (Nm 3.4; 1 Cr 24.2).

ABIÚDE Nome grego de Abihud (q.v.) que era descendente de Zorobabel e pai de Eliaquim. Foi mencionado no NT como um ancestral do Senhor Jesus Cristo (Mt 1.13).

ABIÚDE Um benjamita, o terceiro filho de Bela (1 Cr 8.3).

ABJETOS Nome plural encontrado no Salmo 35.15 do hebraico *nekeh*, provavelmente com o significado de “caluniador” ou “injuriador”. A versão RSV em inglês traz o termo “aleijados”.

ABLUÇÃO Ato de lavar o corpo. Nas Escrituras existem apenas algumas referências duvidosas a esse ato com uma finalidade relacionada à higiene. Cada uma dessas referências - o banho da filha do Faraó (Êx 2.5), de



Ruínas de um tanque de ablução, extremamente decorado, próximo ao templo de Júpiter em Baalbek. Ele mede aproximadamente 20 por 8 metros. HFV

Bate-Seba (2 Sm 11.2) e das prostitutas de Samaria (1 Rs 22.38) - podem ser explicadas como abluções religiosas. Esses rituais religiosos de lavar o corpo eram universais no antigo Oriente Próximo. “Nas mentes dos antigos havia uma estreita conexão entre a noção de pureza ou limpeza e a noção de ser consagrado a Deus” (R. de Vaux, *Ancient Israel, Its Life and Institutions*, p. 460).

A evolução desse conceito religioso explica como surgiu todo o sistema de “puro e impuro” do AT e os rituais religiosos como a idéia de santidade diferente dos tabus, e faz dele toda a base da religião hebraica. (“Impuro”, HDB; cf. de Vaux, op. Cit., pp. 463, 464 onde os tabus eram considerados como “remanescentes de antigos rituais supersticiosos”). Quaisquer que sejam as formas e idéias que possam ter sido mantidas desde as eras anteriores a Moisés, é certo que as abluções tinham sido designadas por Deus “tendo como seu objeto o cultivo da santidade e da vida espiritual... O grande obstáculo à santidade é o pecado; Contudo a morte, novamente, por ser a consequência do pecado, coloca um fim na vida do homem... e permeia o homem como um todo; não só meramente profanando a alma... mas também aviltando o corpo... tornando-o como o próprio pó da morte” (C. F. Keil, *Biblical Archaeology*, I, 378).

A opinião de Keil vai além e diz que a água, como principal meio de limpeza da vida co-

mum, foi usada para simbolizar o perdão espiritual dos pecados. Essa conexão entre profanação e morte, explica como as purificações levíticas colocam-se lado a lado com os sacrifícios e, em conjunto, formam as principais características do culto no sistema mosaico. Assim, a lei era capaz de cumprir, totalmente, o propósito para o qual havia sido designada de levantar e manter viva no homem a consciência do pecado e da necessidade de purificar sua natureza interior (veja Keil, *ibid.*, pp. 378-384).

Havia quatro formas de abluções levíticas: (1) lavagem das mãos (Lv 15.11), (2) lavagem das mãos e pés (Êx 30.19; 40.31), (3) lavagem do corpo todo (Nm 19.19, Lv 22.4-6) e (4) aspersão com água especial (“água da separação”, Nm 19.9).

O batismo é uma forma do ritual da ablução que surgiu entre os judeus, aparentemente em conexão com a iniciação dos prosélitos. As autoridades estabeleceram que o estrangeiro que desejasse se tornar um prosélito do pacto da virtude, isto é, no sentido amplo de ser um israelita, tinha que ser circuncidado e batizado e depois oferecer um sacrifício. O batismo era uma imersão em uma piscina (veja HDB. I. 239; Edersheim, *Life and Times of Jesus the Messiah*, II, xii; Schürer, *History of the Jewish People*, II, ii. Par. 31, p. 319). O Batismo e outras abluções ocupavam uma posição de proeminência entre os Essênios (Jos War ii. 8.5) como foi testemunhado pelos achados em Qumram (F. M. Cross, Jr., *The Ancient Library of Qumram*, pp. 49, 50, 70). É amplamente conhecido que tanto João quanto o Senhor Jesus praticaram o batismo.

Com exceção dos rituais do batismo e da lavagem dos pés (Jo 13) o ritual da ablução está tão fora do cristianismo do NT quanto os sacrifícios da lei mosaica. Para o cristão, não existe uma profanação cerimonial (Mc 7.6-23; Mt 15.3-20). Portanto, não existe a necessidade de um ritual de lavagem. O Senhor Jesus cumpriu esse aspecto da lei, e o mesmo foi feito por aqueles que serviram ao Senhor. O batismo (em qualquer das suas formas), e a lavagem dos pés, considerados como um ritual ou apenas como um acontecimento nos Evangelhos, não tem qualquer conexão com a impureza cerimonial, e assim não possui nenhuma conexão com o ritual do AT nem com a sua interpretação.

Veja Batismo; Banho, Banhar; Lavagem dos Pés; Mãos, Lavagem das; Impuro.

Bibliografia. A. Oepke, “*Louo* etc.”, TDNT, IV, 295-307.

R.D.C.

ABNER Primo de Saul e comandante do exército de Israel (1 Sm 14.50-51; 17.55). Ocupava o lugar de honra nas festas e era o guarda-costas de Saul durante as campa-

nhas do deserto contra Davi (1 Sm 20.25; 26.5-15). Depois da morte de Saul e Jônatas, Abner tornou-se líder de Israel e fez Isbosete rei, como sucessor de seu pai Saul (2 Sm 2.8-10). Ao ser ofendido por Isbosete, Abner resolveu apoiar Davi como rei de todo Israel (2 Sm 3.8-10). Foi elogiado por Davi pela sua fidelidade. Joabe, amargurado porque Abner havia assassinado seu irmão Asael (em defesa própria), matou-o à porta de Hebrom (2 Sm 3.27). Sua morte foi lamentada por Davi e por todo de Israel (2 Sm 3.31-34; Rs 2.32).

ABOBOREIRA Veja Plantas.

ABOBOREIRA SILVESTRE Veja Plantas: Abóbora.

ABOMINAÇÃO Existe um total de 12 palavras hebraicas e gregas traduzidas como “abominação”. As línguas bíblicas, assim como a nossa, têm uma variedade de expressões. Algumas são sinônimos muito próximos; outras não, para exprimir graus e variedades de aversão.

A principal idéia representada pelos quatro nomes hebraicos é a de repugnância perante grandes ofensas em assuntos religiosos. Como existe apenas um Deus vivo e verdadeiro, um ser espiritual invisível, sem partes humanas, todas as formas de idolatria e todas as cerimônias e objetos relacionados à idolatria são abomináveis para Deus. Essa atitude é compartilhada pelo seu povo e especialmente pelos seus profetas. Em hebraico, *to'eba* é a principal palavra usada no AT com essa conexão. A mesma aversão está relacionada ao pecado moral. Portanto, *to'eba* também é usada como tal (Jr 7.7-10). O verbo *ta'ab*, do qual se deriva *to'eba* tem um significado menos especial, embora tenha sido traduzido da mesma maneira. Ele expressa toda a sorte de descontentamento, desde a aversão a certos alimentos (Sl 107.18) até a repugnância aos ídolos (Dt 7.26).

A expressão hebraica *sheqes* parece ser uma palavra técnica para a execração do uso da carne de animais impuros para alimento ou sacrifício (Lv 7.21; 11.10-13, 20, 23, 41, 42). A palavra a ela relacionada, *shiqus*, é principalmente um termo que designa o desprezo aos ídolos e à idolatria, especialmente dos profetas (Is 66.3; Jr 4.1; 32.34; Ez 7.20). O verbo *shaqas*, traduzido como “abominação”, do qual essas duas palavras se originaram, expressa, da mesma forma, a aversão que um judeu deveria ter em relação àquilo que é moralmente ou religiosamente errado.

A repugnância aos atos que alguns poderiam considerar como “pequena desonestidade” foi expressa uma vez como “abominação” (Mq 6.10, “abominável”), embora a palavra hebraica usada aqui signifique, geralmente, estar irado.

As palavras traduzidas no NT como “abomi-

nação”, “abominável” etc. (Mt 24.15; Lc 16.15; Tt 1.16; 1 Pe 4.3; Ap 21.8) são simplesmente idéias hebraicas do AT, discutidas à luz do idioma grego. Veja Sacrilégio.

R. D. C.

ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO Essa expressão aparece em Mateus 24.15 e em Marcos 13.14. Mateus afirma que é aquela “de que falou o profeta Daniel”. A frase grega de Daniel 9.27 é citada quase exatamente como na Septuaginta (assim como na tradução grega de Theodotion que substituiu a LXX nos primeiros séculos do cristianismo). Expressões semelhantes são encontradas em Daniel 8.13 (“transgressão assoladora”), Daniel 9.27 (“sobre a asa das abominações virá o assolador”), Daniel 11.31 (“estabelecendo a abominação desoladora”) das quais, como dissemos, o trecho de Daniel 9.27 que consta na LXX foi citada no NT.

Ato pelo qual um ídolo pagão era introduzido nos limites do Templo sagrado de Jerusalém, foi obviamente denunciado pelo Senhor Jesus. Intérpretes liberais do livro de Daniel afirmam que todas as suas três passagens referem-se a um ato de Antíoco Epifânio, rei pagão da Síria, que profanou o Templo em 165 a.C. Se esta interpretação estiver correta, então Jesus estava equivocado (o que seria absolutamente impossível), ou nunca disse realmente o que foi atribuído a Ele em Mateus 24.15 e Marcos 13.14. Certos estudiosos conservadores acreditam que a profecia tenha sido cumprida em acontecimentos do primeiro século d.C., associados à destruição de Jerusalém. Outros afirmam que a expansão da profecia por parte de Paulo em 2 Tessalonicenses 2 (como muitos acreditam) exige que haja alguma referência aqui a um anticristo final, que faria a sua aparição no final da presente era (G. R. Beasley-Murray na obra *Jesus and the Future*, e também na obra *A Commentary on Mark 13*). Veja Abominação; Anticristo; Besta (Simbólico).

R. D. C.

ABRAÃO

Autenticidade e Dados de seu Passado

Embora a arqueologia não tenha fornecido qualquer contacto direto com Abraão, abundantes evidências foram acumuladas, as quais, longe de contradizer a história bíblica, levaram muitos estudiosos a aceitarem seu relato como um genuíno reflexo do período que ela se propõe a representar. Essas evidências estão sob a forma de fontes documentadas que estabelecem as tradições culturais refletidas na história bíblica.

Os textos Nuzu, que representam a lei comum dos hurianos (os horeus bíblicos, q.v.) que dominaram partes da Mesopotâmia por volta de 1500 a.C., lançaram alguma luz sobre tais

tradições, como a adoção que Moisés fez do servo Eliézer como seu herdeiro (Gn 15.2-4). Segundo o Nuzu, a adoção de um escravo era uma prática comum por parte dos casais sem filhos. Para uma possível herança, o homem adulto adotado negociava seus cuidados pelos pais adotivos em sua idade avançada, proporcionando a estes as cerimônias de enterro adequadas. Mas o Nuzu indica que um filho natural como Isaque, mesmo tendo nascido depois de tal adoção, sempre recebia os direitos de herança em primeiro lugar.

Novamente, tanto os códigos legais de Nuzu como os de Hamurabi, dizem como uma esposa estéril era obrigada a fornecer uma serva para o marido, na expectativa de que um filho pudesse nascer. A relutância de Abraão de mandar Agar embora (Gn 21.11) reflete a proteção da lei huriana à serva, sob tais circunstâncias.

Outra tradição cultural, que não se coaduna com a lei hebraica posterior (mosaica) e, portanto, deve vir de épocas anteriores, foi a compra feita por Abraão do campo de Macpela (Gn 23). Os textos da Capadócia refletem as leis feudais hititas que, aparentemente obrigaram Abraão pagar o preço *total* (23.9, NTLH) para obter o título legal e comprar todo o campo de Efrom, o heteu, porque a plena posse vinha da obrigação feudal ou dos serviços devidos ao dono da terra, de acordo com a lei hitita (BASOR, #129, pp. 15-18). Abraão estava acostumado com tais transações comerciais e era capaz de pesar e entregar a Efrom os 400 siclos de prata como moeda corrente entre os mercadores. Não se tratava de moedas, mas como diz o hebraico, “prata que



As planícies de Manre. HFV

passa para o mercador”, significando barras não cunhadas ou anéis de prata.

Embora Abraão não seja conhecido através de fontes fora da Bíblia, seu nome está citado sob a forma babilônica, Abamram (BASOR, #83, p.34), como também o nome de Naor (cf. a cidade de Naor, Gênesis 24.10), Tera e Serugue (Gn 11.22,24) que representam as cidades mencionadas nos textos Mari e em outros documentos assírios (cf. John Bright, *A History of Israel*, p. 70).

Um dos capítulos mais interessantes da história de Abraão está em Gênesis 14 e trata da batalha entre os quatro reis do Egito contra os monarcas locais. Os arqueólogos consideram esse capítulo como o mais repleto de detalhes em sua autenticidade. (Veja Anrafel; Arioque; Quedorlaomer; Tidal). A precisão geográfica de Gênesis 14 é indiscutível. Além disso, o raro termo técnico (*hanikim*) usado pelos criados de Abraão (Gn 14.14) aparece nos textos da Execração Egípcia e em uma carta de Taanaque datada da primeira metade do segundo milênio a.C. A ocorrência dessa primitiva e rara palavra comprova a tremenda autenticidade do texto.

As viagens de Abraão na Mesopotâmia e suas caminhadas pela Palestina combinam bem com o quadro geral que a arqueologia obteve dos primórdios do segundo milênio. Essa era a época em que a Palestina estava recebendo novos grupos nômades e a montanhosa região central que Abraão escolheu para viver era esparsamente habitada, enquanto o vale do Jordão, as regiões costeiras e outros domínios agrícolas eram dominados pelos cananeus e outros. É provável que Abraão tenha feito parte desse grande movimento de pessoas usualmente identificadas como amorreus (Gn 15.16) o que pode explicar as alianças de Abraão com os amorreus Aner, Escol e Manre (Gn 14.13,24) e a justificativa para Ezequiel acusar a nação pecadora de ter um fundador amorreu (Ez 16.3-5). Abraão passou algum tempo no Neguebe e ao longo da rota comercial de Cades-Barnéia até Sur (na fronteira oriental do Egito). Durante séculos, antes ou depois do período da metade da Idade do Bronze I (2.100 a 1.850 a.C.) havia colônias estabelecidas no Neguebe. Ruínas de estações desse caminho, que puderam ser datadas dessa época através do estudo das cerâmicas, estabelecem a rota da caravana pelo interior através do norte do deserto do Sinai.

A data exata para Abraão não pode ser determinada através da arqueologia, embora a maioria das autoridades tenha estabelecido o início do segundo milênio. Usando os personagens bíblicos, e assumindo que não houve nenhuma interrupção, pode-se obter o ano 2.000 a.C. como uma data aproximada para o nascimento de Abraão. Essa data está bastante de acordo com as descobertas arqueológicas.

No entanto, objeções foram levantadas em relação à ocorrência do termo filisteus (q.v.) em Gênesis 21.32,34. Os guerreiros filisteus da época de Davi somente chegaram à costa da Palestina por volta de 1.200 a.C. Entretanto, C. H. Gordon observou que o povo do mar Indo-Europeu, como por exemplo os minoanos da ilha de Creta, haviam imigrado para Canaã durante todo o segundo milênio. O cananeu Abimeleque de Gerar provavelmente fazia parte de uma onda ante-

rior de filisteus amantes da paz, embora o nome filisteu em si mesmo possa ser um anacronismo oriundo dos povos hostis da época de Saul e de Davi. *Veja* Cronologia, AT; Idade Patriarcal.

História e Importância de Sua Vida

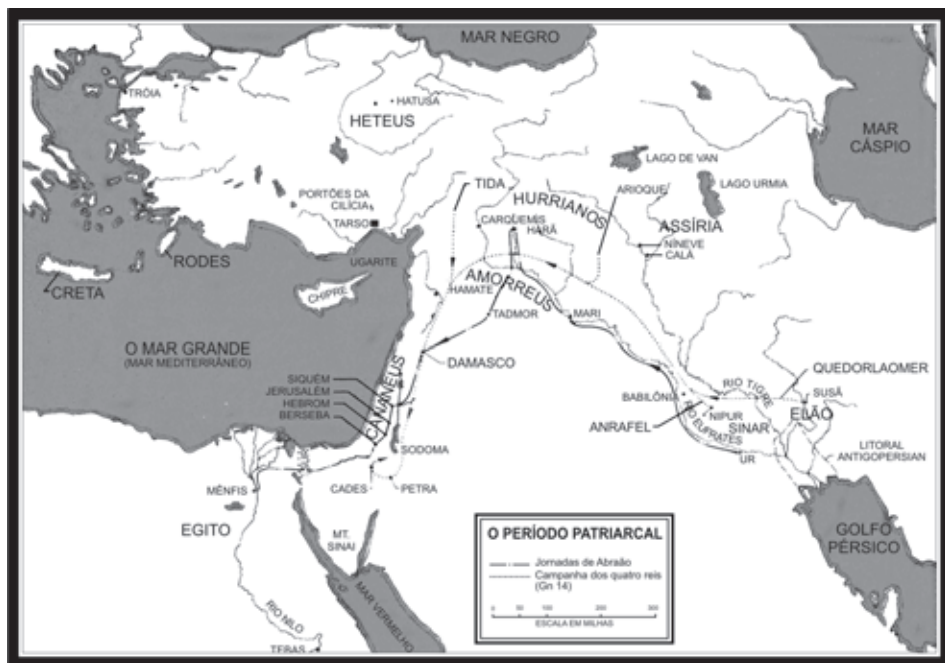
Abraão iniciou sua vida em Ur dos Caldeus, na Mesopotâmia. Dali, Tera, seu pai, mudou-se com a família para Harã. Tanto Ur como Harã eram centros de adoração da lua. O nome de seu pai, Tera, provavelmente significava "Ter é (o divino) irmão". Acredita-se que "Ter" seja uma variação dialética para o deus lua e era especialmente popular no distrito de Harã como foi confirmado pelos registros assírios (J. Lewy, HUCA, 19. p. 425). Mas Abraão foi convocado pela voz de Deus a deixar o seu cenário pagão, para ir a uma terra divinamente prometida à sua semente.

Após sua chegada à Palestina, Abraão passou muitos dias principalmente nas proximidades de três centros no sul, Betel, Hebrom (Manre) e Berseba. Aparentemente, ele havia entrado em Canaã pelo lado leste, assim como Jacó em seu retorno de Padã-Arã, atravessando o Jordão nas proximidades de Sucote, parando primeiro para adorar a Deus fora de Siquém (Gn 12.5-7). Entretanto, nas proximidades de Betel, Abraão construiu o seu segundo altar (Gn 12.8; 13.3) e invocou o nome do Senhor Jeová. Depois de uma curta peregrinação no Egito por causa da fome, Abraão retornou



A mesquita de Hebrom, que cobre uma caverna que é considerada a caverna de Macpela, lugar do sepultamento de Abraão e outros membros da família patriarcal. HFV

ao local do altar, nas proximidades de Betel, onde se separou de seu sobrinho Ló, que preferiu residir nas verdes planícies do Jordão onde as cidades cananitas de Sodoma e Gomorra estavam situadas. Então, Abraão viajou para o Sul, para uma planície nas montanhas, chamada Manre (Hebrom) ao sul da cadeia central de montanhas. Nesse lugar ele construiu um outro altar ao Senhor.



A jornada de Abraão

Após recuperar Ló e sua família das mãos dos mesopotâmios que os haviam aprisionado, Abraão pagou dízimos a Melquisedeque, rei de Salém. Não se pode precisar se Melquisedeque estava em Jerusalém, mas o texto diz claramente que ele era um rei sacerdote que representava El Elyon – um outro título do Deus de Abraão. O texto em Gênesis 20–22 fala sobre a permanência de Abraão no Neguebe, especialmente nas proximidades de Berseba. O relato bíblico afirma que Abraão não só cavou um poço, como deu ao lugar o nome de Berseba (“poço do juramento”) por causa do pacto que havia feito com Abimeleque, o chefe filisteu daquela área.

Deus renovou sua promessa a Abraão em diversas ocasiões (cf. Gn 13.14-18; 15; 17; 22.15-19). Ênfase deve ser atribuída à fé de Abraão na promessa feita por Deus em relação tanto à terra como à sua semente, apesar da contínua infertilidade e avançada idade de sua esposa. O nome de Abrão, que significa “pai exaltado” ou “meu pai é exaltado” foi mudado para Abraão que significa “pai de uma multidão”. O pacto feito com Deus foi selado pelo sinal da circuncisão e por fim Isaque, o filho da promessa (Gl 4.28) foi concedido àquele que seria sempre conhecido como o “pai de todos os que crêem” (Rm 4.11). Na verdade, Abraão creu na promessa de Deus de ter um filho na velhice e “isso lhe foi imputado como justiça” (Gn 15.4-6; Rm 4.1-4; Tg 2.22,23; Gl 3.6; 5.6). Antes que o

filho Isaque lhe fosse dado através do ventre amortecido de Sara (Hb 11.11) sua serva egípcia Agar deu à luz Ismael, através de quem os árabes de nossos dias traçam sua origem até Abraão.

O nome de Isaque se origina da raiz hebraica, *sahaq*, que significa “rir”. O riso de Abraão (Gn 17.17) parece ter sido uma expressão de alegria, ou até de admiração, enquanto o riso de Sara (Gn 18.11-15) era uma expressão de incredulidade que ela, vergonhosamente, tentou desmentir. No devido tempo, Isaque tornou-se o núcleo principal de todas as esperanças de Abraão; isso explica a importância do episódio do oferecimento de Isaque em sacrifício. O dilema que Abraão experimentou era que a promessa de Deus não poderia se cumprir se Isaque morresse; no entanto Deus estava pedindo Isaque a Abraão. O texto em Hebreus 11.17-19 mostra o comentário Divino sobre esse acontecimento, mostrando como a fé de Abraão triunfou ao crer na fidelidade de Deus, pois “considerou que Deus era poderoso para até dos mortos” ressuscitar Isaque (v. 18), se necessário, para cumprir a sua promessa. *Veja Promessa a Abraão.*

Outro episódio da vida de Abraão nos mostra seu retrato não como uma figura coberta de lendas (como certos críticos afirmaram), mas através de calorosos aspectos humanos. A maior parte dos relatos bíblicos trata de sua pessoa a partir dos setenta e cinco anos

(Gn 12.4). O fato de Abraão ter 100 anos e Sara 90 quando Isaque nasceu, longe de ser um “Midrash” tardio, é um fato importante da história original, isto é, que Abraão adorava ao Deus que realiza o impossível. É verdade que o relato bíblico faz referência a um segmento relativamente pequeno de sua vida, no entanto esses comparativamente poucos capítulos (Gn 12–25) apresentam um quadro surpreendentemente bem delineado desse patriarca. Ele era quase um nômade, mas muito diferente do beduíno médio de nossos dias, pois Abraão tinha uma grande riqueza em gado, prata e servos. Ele era um homem de paz, mas podia usar seus servos (Gn 14.14) em conflitos ocasionais.

Abraão teve encontros face a face com o Todo-Poderoso, recebeu anjos (Gn 18.1-8), e recebeu a palavra de Deus em sonhos (Gn 15.12-17). Mais importante ainda, ele foi chamado por Deus de profeta em Gênesis 20.7, onde Abimeleque, rei de Gerar, foi prevenido de que Abraão tinha o dom da intercessão. Ele usou esse dom com muito sucesso em benefício de Abimeleque (Gn 20.17,18), mas não teve o mesmo sucesso em sua intercessão por Sodoma (Gn 18.23-30), sem dúvida por que sua opinião sobre essa cidade estava errada. *Veja* Sodoma; Bab adh – dhra

Parece que por duas vezes Abraão protegeu seus próprios familiares quando usou uma meia verdade de que Sara era sua irmã, escondendo o fato de que ela era também sua esposa (Gn 12.11-13; 20.5). Isaque fez o mesmo (Gn 26.6-11). *Veja* Abimeleque. Entretanto, esses episódios, quando adequadamente entendidos, mostram que Abraão e Isaque, embora temerosos, não estavam deliberadamente caminhando nos limites da depravação moral. Os patriarcas vieram de Harã, uma área controlada pelos hurianos. Portanto, ambos estavam praticando um apreciado costume huriano que E. A. Speiser (*The Anchor Bible*, Gn, pp. 91-94) chama de relacionamento irmã-esposa. Tanto Sara quanto Rebeca eram qualificadas para essa privilegiada posição, de acordo com a prática huriana legal. Os patriarcas esperavam usar como artifício diplomático essa posição especial de suas esposas que gozavam de um status superior em sua sociedade. Entretanto, nem o Faraó do Egito, nem o rei de Gerar, estavam familiarizados com esse costume huriano e tinham que ser convencidos de que ele representava o legítimo exercício das prerrogativas e da proteção gozadas pelas irmãs-esposas daqueles que pertenciam à alta sociedade huriana. No entanto, Deus interveio a favor de Abraão nos dois casos, ensinando-lhe que o caminho da confiança e da obediência representava o novo curso que ele deveria seguir (Gn 12.17; 20.3,17s).

Abraão teve outra esposa. Quetura (Gn 25.1-4) através de quem se tornou pai dos midianitas e outros, mas como dizem as Escritu-

ras, “Abraão deu tudo o que tinha a Isaque” (Gn 25.5). Abraão morreu “em boa velhice” e foi enterrado na cova que havia comprado dos heteus. A atitude de enterrar a sua família e deixar instruções quanto a seu próprio enterro na terra que lhe fôra prometida, ao invés da terra natal de seus ancestrais, foi uma forte demonstração de sua fé na aliança que tinha com Deus.

Em 2 Crônicas 20.7 e Tiago 2.23, Abraão é chamado de amigo de Deus. A universalidade desse título para o pai da nação hebraica está refletida no nome da mesquita construída em sua honra em Hebrom, isto é, Al-Khalil (“O Amigo”). Ninguém pode estar plenamente seguro de que esta mesquita esteja construída exatamente sobre o local da cova funerária no campo de Macpela, mas Gênesis 23.19 afirma que esse local estava realmente situado na área de Hebrom.

E. B. S.

Abraão no NT

O nome de Abraão ocorre 74 vezes no NT, mais que o nome de qualquer outro santo do AT, exceto Moisés (79 vezes). Deus é o “Deus de Abraão” (Mt 22.32; At 7.32) e Abraão vive em uma consciente comunhão com Ele (Lc 16.22; veja O Seio de Abraão). Abraão foi o antecessor do Messias (Mt 1.1) e pai dos israelitas segundo a carne (Mt 3.9; Jo 8.33; At 13.26). Mas ele se tornou o pai espiritual de todos aqueles que compartilham a sua fé pelo Espírito Santo (Rm 4.11-16; 9.7; Gl 3.16,29; 4.22,31). A fé de Abraão levou ao seu perdão, e tipifica o modelo de fé que devemos exercitar (Rm 4.3-11). As demonstrações de sua fé, ao obedecer à ordem de Deus para abandonar a Mesopotâmia, assim como o oferecimento de seu filho, Isaque, são mencionados como exemplos notáveis de sua fé em ação (Hb 11.8-19; Tg 2.21).

J.R.

Bibliografia. William F. Albright, *Archaeology, Historical Analogy, and Early Biblical Tradition*, Baton Rouge; Louisiana State Univ. Press, 1966, pp. 22-41. Jack Finegan, *In the Beginning*, New York. Harper, 1962, pp. 85-121. Nelson Glueck, *Rivers in the Desert*, New York. Farrar, Strauss & Cudahy, 1959, pp. 60-110. Angel Gonzalez, *Abraham, Father of Believers*, trad. por R.J. Olsen, New York. Herder & Herder, 1967. James L. Kelso, *Archaeology and Our OT Contemporaries*, Grand Rapids. Zondervan, 1966. pp. 13-27. K. A. Kitchen, *Ancient Orient and OT*, Chicago. Inter-Varsity, 1966, pp. 41-56, 153-156. W. S. LaSor, *Great Personalities of the OT*. Westwood, N.J.. Revell, 1959, pp.13-30. F.B. Meyer, *Abraham. or the Obedience of Faith*, London. Morgan & Scott, s.d. D. J. Wiseman, *The Word of God for Abraham and Today*, G. Campbell Morgan Memorial Lecture #11,

London. Westminster Chapel, 1959. C. Leonard Woolley, *Abraham. Recent Discoveries and Hebrew Origins*. London. Faber & Faber, 1936. Geerhardus Vos, *Biblical Theology*, Grand Rapids. Eerdmans, 1954, pp. 79-105.

ABRAÃO, O SEIO DE Essa frase figurativa reproduz a bem-aventurança do crente no paraíso após a morte. Embora seja usada no judaísmo rabínico, a única ocorrência escrita dessa expressão encontra-se na parábola proferida por Cristo sobre o homem rico e Lázaro (Lc 16.19ss.). Ao morrer, o mendigo Lázaro é carregado pelos anjos até o seio de Abraão, enquanto o homem rico, depois de seu enterro, é atormentado no Hades.

De acordo com o AT, ao morrer as pessoas vão ao encontro de seus pais (Gn 15.15; 47.30; Dt 31.16; Jz 2.10). Como Abraão era o pai dos judeus (Lc 3.8; Jo 8.39s.), a forma mais concreta dessa expressão era ir ao pai Abraão (IV Mac 13.17). Uma simples variação disto era falar da vida após a morte em termos de “seio de Abraão”.

No judaísmo rabínico a frase tinha dois sentidos distintos, e os intérpretes estão divididos quanto ao significado preciso da frase nessa parábola. Deitar-se ou sentar-se no seio de Abraão pode exprimir, figurativamente, a carinhosa comunhão que existe entre Abraão e seus descendentes crentes no céu, em uma analogia à ternura paternal de um pai para com o seu filho (Jo 1.18). Outros acreditam que a figura está enfocando, principalmente, o banquete celestial onde, de acordo com a maneira romana de festejar, também usada pelos judeus, Lázaro está reclinado sobre uma mesa com a cabeça no seio de Abraão, seu anfitrião (Jo 13.23; 21.20).

Talvez ambos elementos possam ser aplicados à parábola. Como as Escrituras geralmente representam a alegria do céu em termos de um banquete (Mt 8.11; Lc 13.28,29; 14.16ss.), seria natural que isto estivesse implícito na figura do pobre mendigo que antes se alimentava das migalhas da mesa do rico e que agora está gozando da abundância do banquete celestial. Mas a intimidade e a comunhão não estão ausentes desse quadro. O mendigo, solitário e proscrito, está agora gozando das venturas do céu na íntima companhia do pai dos crentes. E como Lázaro está no seio de Abraão, também parece que ele recebeu um lugar de honra nesse banquete.

Os intérpretes também diferem se o seio de Abraão representa um lugar que pode ser uma divisão ou compartimento do Hades. Nos escritos judaicos, Seol-Hades é, muitas vezes, o lugar dos mortos em geral, incluindo tanto os justos quanto os pecadores. No capítulo 22 da psd. de Enoque existem até

quatro divisões para Hades onde os mortos ficam à espera do dia do julgamento. Mas aqui o seio de Abraão e o Hades são lugares distintos. Jesus fala do homem rico somente no Hades e lá ele vê Abraão “ao longe”, informado que existia um “grande abismo” entre eles de modo que qualquer transferência seria impossível. Abraão e Lázaro estão em uma posição abençoada, enquanto no Hades o homem rico sofre tormentos e pede água para refrescar a sua língua. Essas terríveis condições aparecem como as conseqüências inerentes de estar no Hades.

Suas implicações escatológicas são claras, pois a fé de Lázaro o leva à alegria da vida eterna (o seio de Abraão) enquanto a fortuna do descrente homem rico não pôde protegê-lo dos tormentos do inferno (Hades). Esse contexto não oferece apoio à opinião de alguns católicos romanos segundo a qual o seio de Abraão está se referindo ao *limbus patrum*, um lugar onde os crentes do AT gozam de paz enquanto esperam pela perfeita redenção de Cristo. No Egito, outros temas levam a uma interpretação do seio de Abraão na qual estão enfatizados os elementos água fresca e refrigério.

Para referências bibliográficas adicionais, veja SBK, II (1924), 226-227; SBK, IV (1928), 1018-1019; TWNT, III (1938), 825-826.

Veja Abraão; Morte; Paraíso; Seol.

F. H. K.

ABRÃO Nome original de Abraão (q.v.) em Gênesis 11.27-17.5. Esse nome aparece em textos egípcios e da Velha Babilônia do século XIX a.C, da Antiga Arábia do Sul e em uma inscrição ugarítica. Para esses pagãos esse nome provavelmente significava “meu (divino) pai é exaltado”.

ABRONA Também traduzido como Ebrona. Um campo de israelitas próximo a Ezion-Geber (Nm 33.34,35). É possível que estivesse em ‘Ain ed-Defiyeh, um poço raso em Arábá, cerca de doze quilômetros ao norte de Ezion-Geber.

ABSALÃO Terceiro filho de Davi, nascido de Maaca, filha de Talmái, rei de Gesur, em Hebrom (2 Sm 3.2,3. 1 Cr 3.1,2). O autor do livro no qual ocorrem as narrativas de Absalão (2 Sm 13-19) está primeiramente preocupado com os atos justificados do Senhor nos anos em que foi formada a dinastia de Davi. Para o autor, Salomão (e não o primogênito Amnom, nem o terceiro filho, Absalão, nem o quarto, Adonias etc.) foi o escolhido de Deus para ser o sucessor de Davi. Uma apreciação dessa ênfase ajuda a explicar a escolha de dois eventos da vida de Absalão (o assassinato de Amnom, 2 Samuel 13.1-38; e a conspiração e rebelião de Absalão, 2 Sm 13.39-19.8) que o levaram a ser preterido em relação aos demais. A in-

tenção do escritor é mostrar como o Senhor castigou Davi pelo adultério e assassinato, mas conservou sua promessa de perpetuar a dinastia de Davi (anunciada por Natã em 2 Samuel 12.10-14; 7.12-16).

Natã anunciou três maneiras pelas quais Deus iria punir Davi:

(1) O filho de Bate-Seba (2 Samuel 11.27, e possível herdeiro do trono) iria morrer (2 Sm 12.14). Quem sucederia a Davi? Talvez Amnom? Incitado por Jonadabe (seu “amigo”, 2 Samuel 13.3-7, um “confidente da corte”, cf. Husai, “amigo” de Davi, 2 Sm 15.37; 16.16; 1 Cr 27.33) Amnom estuprou sua meia irmã (irmã de Absalão) Tamar; e (tendo Davi fracassado em vingar esse ato) dois anos mais tarde Absalão provocou a morte de Amnom e em seguida fugiu para a casa de seu avô materno. Será, então, que o sucessor de Davi poderia ser Absalão? Cinco anos se passaram até que Davi o reintegrasse totalmente. Mas, Absalão movimentou-se rapidamente para conseguir o trono. Adotando costumes pagãos (que lhe foram ensinados por Talmái?) ele apareceu em público em uma carruagem escoltada por um cortejo de corredores. Ele assegurou a simpatia das dez tribos do norte fazendo-se passar por seu defensor. Dentro de quatro anos (na LXX não consta 40 anos - aparentemente devido a uma interpretação errada de um copista hebreu que escreveu *'arba' im shanah* ao invés de *'arba' shanim* em 2 Samuel 15.7), sob o pretexto de cumprir um voto, Absalão foi a Hebrom e reclamou o título de “rei” (2 Sm 15.10); em seguida, apoderou-se de Jerusa-

lém para ser sua capital. Mas seu sucesso teve fim quando Joabe mandou matá-lo, (desafiando uma ordem explícita de Davi) na floresta de Efraim. Finalmente, será que o sucessor de Davi poderia ser Adonias? Ele havia tentado se apoderar do trono na velhice de Davi, mas foi abertamente denunciado pela nomeação aberta de Salomão (filho de Bate-Seba!) por parte do idoso rei.

(2) A espada não se apartaria da casa de Davi (2 Sm 12.10). Absalão trouxe a morte a Amnom por ter estuprado sua irmã; Joabe mandou assassinar Absalão por conspiração e rebelião e Benaia matou Adonias por ter pedido a mão de Abisague (1 Rs 2.13-25).

(3) Alguém da própria casa de Davi iria conspirar contra ele e tomar publicamente suas concubinas (2 Sm 12.11,12). Absalão conquistou o coração dos homens de Israel (2 Sm 15.6), proclamou-se rei em Hebrom e apoderou-se de Jerusalém sem qualquer batalha. Seguindo o conselho de Aitofel, coabitou com as dez concubinas de Davi (o que se tornou público) e com isso fortaleceu sua pretensão ao trono e confirmou seu completo domínio sobre o império de Davi (2 Sm 16.20-23).

Mas, apesar da magnitude dos pecados de Davi e do período de incertezas relacionado à identidade de seu sucessor, Deus permaneceu fiel à sua promessa de que a dinastia de Davi se estabelecería para sempre em Israel. Salomão tornou-se rei em lugar de seu pai (1 Rs 1).

Bibliografia. E. R. Dalglish, “Absalom,” IDB, 1,22-23. H. W. Hertzberg, *I and II Samuel. A Commentary, Old Testament Library*, Philadelphia. Westminster, 1964. Eugene H. Maly, *The World of David and Solomon (Backgrounds to the Bible Series)*, Englewood Cliffs, N.J.. Prentice-Hall, 1966. J. Weingreen, “The Rebellion of Absalom”, VT, XIX (1969), 263-266.

J. T. W.

ABSINTO Veja Plantas.

ABSTINÊNCIA Termo genérico aplicável a qualquer objeto ou ação do qual alguém se abstém por algum tempo e por algum motivo particular, especialmente no cultivo da vida espiritual. Em geral, trata-se de uma autodisciplina voluntária e pode consistir em uma renúncia total ou numa leve participação em algum prazer ou necessidade, como comer, beber etc. Às vezes, ela se refere a uma total abstinência de alguma coisa positivamente perniciosa ou proibida, como fornicação, alimentos proibidos, intoxicação por bebidas alcoólicas ou drogas debilitantes. Uma extrema abstinência pode tomar a forma de ascetismo. Ela pode ser distinguida da temperança, que é o uso moderado de alimentos ou bebidas etc. O jejum é uma forma



Túmulo tradicional de Absalão no vale de Cedrom, Jerusalém. HFV

de abstinência específica, isto é, de alimento. *Veja* Jejum.

No AT era proibida a ingestão de sangue (Gn 9.4). Outros exemplos de abstinência obrigatória foram registrados (Gn 32.32; Êx 22.31; Lv 3.17; 10.9; 11.4ss.; Nm 6.3; Dt 14.21) em relação à regras alimentares dos israelitas em geral e dos sacerdotes e nazireus em particular. Essas restrições alimentares foram abandonadas em grande parte no NT (At 15.19, 20, 28, 29). Paulo deixa o assunto da abstinência de alimentos a critério da consciência de cada indivíduo e da orientação do Espírito, e insiste em uma afetuosa consideração entre as pessoas (Rm 14; 1 Co 8). Nos assuntos que envolvem a moral, os deveres apostólicos de abstinência do pecado são obrigatórios (1 Ts 4.3; 5.22; 1 Pe 2.11).

Embora sua vida seja o supremo exemplo da abnegação, o nosso Senhor não ensinou nem praticou o asceticismo, embora seu ministério público tenha sido precedido por 40 dias de jejum no deserto. Ele condenou a piedade artificial e a ostentação (Mt 6.16-18). A abstinência, de acordo com a Bíblia, nunca é boa ou valiosa em si mesma, mas somente quando promove uma vida útil e santa. Ela é um meio, e não um fim em si mesma.

R. E. P.

ABUTRE *Veja* Animais: III. 4,5,6,7.

ACÃ Um horeu (Gn 36.27). *Veja* Jaacã.

Uma variação de Acar em 1 Crônicas 2.7; também em certos manuscritos da LXX e siríacos.

Um homem de Judá que se apropriou secretamente de alguns dos despojos da guerra, quando Jericó foi derrotada (Js 7.1-26; 22.20). O Senhor revelou a Josué que a derrota de Israel em Ai fora causada pela presença do pecado no acampamento dos israelitas. Quando lançando sortes de forma sagrada, descobriu-se quem era o transgressor, Acã confessou ter cobiçado, roubado e escondido em sua tenda vestuários finos, prata e ouro, objetos que estavam destinados a ser “consagrados ao Senhor para destruição” ou “para o tesouro” (Js 6.17-19; cf. S. R. Driver sobre 1 Samuel 15.33). Acã e toda a sua família foram apedrejados até à morte, e enterrados (juntamente com todas as suas posses) no vale de Acor (que significa “perturbação”), ao sul de Jericó.

O roubo teria acarretado apenas o castigo da restituição em dobro (Êx 22.4,7), mesmo em situações de paz, mas Acã violou a santidade especial das “coisas consagradas” que haviam sido eternamente separadas do uso comum. Ele ousou colocá-las “debaixo da sua bagagem” (Js 7.11).

O antigo conceito de solidariedade comunitária está subjacente à história em toda parte. (1) o pacto divino da unidade de Israel como nação “consagrada” (isto é, santifica-

da) (cf. Êx 13.11-15; 4.23) deu-lhes a segurança da proteção do Senhor; (2) A ofensa de Acã estabeleceu sua associação com os cananeus que eram “consagrados ao Senhor para a destruição” (isto é, amaldiçoados) e o separou da proteção do pacto (Js 6.17,18; 7.15); (3) a ofensa de Acã tornou-se a ofensa de Israel até que eles se separassem das “coisas consagradas” cujo fim deveria ser a destruição (Js 6.18; 7.11,12); (4) toda a família de Acã e todas as suas posses haviam sofrido o estigma das “coisas consagradas” e compartilharam sua responsabilidade e destruição (Js 7.24,25).

ACABE

1. Falso profeta, filho de Colaías. Foi deportado para a Babilônia e denunciado por Jeremias (Jr 29.21).

2. Sétimo rei de Israel, filho e sucessor de Onri. No livro dos Reis ele aparece tanto como um rei politicamente forte, como espiritualmente fraco. No aspecto secular, era capaz de conquistar o respeito tanto de amigos como de inimigos. No aspecto religioso, suas práticas de sincretismo traduziram a perdição da casa de Onri. Seu reino foi registrado como tendo durado 22 anos (1 Rs 16.29) considerados por Thiele entre os anos 874 e 853 a.C. (*The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, p. 61).

O casamento com Jezabel, com finalidade política, resultou em uma mistura de bênção e maldição. A aliança concomitante com Etbaal, rei dos sidônios (1 Rs 16.31) e pai de Jezabel, trouxe uma onda crescente de comércio, riqueza e na classe dos mercadores de Israel. Entretanto, Jezabel trouxe consigo uma forma de baalismo que entrou em choque direto com a adoração ao Senhor. Com zelo fanático, ela forçava o culto associado a Baal-Melcarte e Aserá, e gradualmente envolveu Acabe através de seu implacável vigor. Mais tarde, Acabe introduziu essa forma de baalismo em Judá, concedendo a



Ruínas do palácio de Acabe, Samaria. HFV

mão de sua filha Atalia em casamento a Jeorão, filho de Josafá.

Nem Acabe, nem Jezabel, foram capazes de se manter isentos de oposição. Elias, o tisbita, aparecia repetidamente como uma consciência acusadora. Ele parecia o campeão dentre os homens comuns ao se defrontar com Acabe na vinha de Nabote. Foi também o campeão do culto a Deus na vitória alcançada no Monte Carmelo.

Embora as histórias de Elias mostrem Acabe como uma pessoa fraca e dominada por Jezabel, outros aspectos de seu reinado revelam seus pontos fortes. Suas atividades no setor de construções foram extensas e notáveis. Em Samaria, ele continuou a construção iniciada por seu pai Onri. Escavações feitas nesse local mostram como eram fortes os muros que mais tarde iriam suportar três anos de cerco. Marfins lavrados de Samaria nos dão exemplos da mobília que foi enviada à sua "casa de marfim" em Jezreel. Foi durante o seu reinado, e possivelmente sob suas ordens, que a cidade de Jericó foi reconstruída por Hiel de Betel. Outras cidades também foram reconstruídas e fortificadas durante esse período.

O reinado de Acabe foi uma época de constantes conflitos internacionais. A Bíblia Sagrada mostra Acabe lutando contra o reino Sírio de Damasco (1 Rs 20), lutando com eles contra os assírios na batalha de Qarqar (registros de Salmanezzer III) e, finalmente, aliado a Judá contra Ben-Hadade da Síria, em Ramote-Gileade (1 Rs 22). Nessa batalha, para recuperar Ramote-Gileade dos sírios, Acabe foi atingido por uma flecha lançada ao acaso. O rei morreu e seu reino declinou rapidamente depois de sua morte. Moabe e outras áreas que lhe eram sujeitas se rebelaram e passaram a ser independentes de Israel (2 Rs 1.1).

K. M. Y.

ACÁCIA *Veja Plantas.*

ACADE Aparece escrita com o nome de Acade nas Bíblias Inglesas (KJV, ASV, RSV), e corresponde à 'akkad em hebraico (Gn 10.10). A cidade que leva esse nome (na moderna literatura histórica ela é geralmente escrita como Akkad) estava localizada na baixa Mesopotâmia, não muito longe do sul da atual cidade de Bagdá, e um pouco ao norte da antiga Babilônia. Em certas inscrições mais antigas aparece com o nome de Agade, porém sua localização exata é desconhecida.

A região inferior da Mesopotâmia (isto é, a sudeste da garganta formada pela aproximação dos rios Tigre e Eufrates) que no AT recebeu o nome de Babilônia no início da Terceira Dinastia de Ur (cidade de Abraão), estava localizada no extremo sul do território, em uma área conhecida como Sumer e Acade

(ANET, p. 159 *et al.*; FLAP, p. 10), indicando a proeminência de Acade na época. Durante o antigo período acadiano (aproximadamente 2.360-2.180 a.C.), um certo Sargão fundou a dinastia de reis de língua semítica em Acade (Agade) que governaram toda essa região da Mesopotâmia inferior. Sob o governo de Sargão I e de Naramsin, seu neto, o reino se estendeu até o ponto de levar o rei de Agade a ser considerado "o poderoso, deus de Agade, rei dos Quatro Cantos". Seu império se estendia desde Elão até a Síria.

A forte impressão deixada por esse reino de Agade sobre as gerações posteriores pode ser observada no fato de que mais de um milênio e meio mais tarde, Nabopolassar, Nabucodonosor e Nabôido, reis do Novo Império Babilônico eram às vezes chamados de "reis de Acade" (FLAP, pp. 220, 222, 227; Donald J. Wiseman, *Chronicles of the Chaldean Kings*, p. 67-69). Além disso, a principal língua semítica da região, e também a escrita cuneiforme, tornaram-se conhecidas como acadianas (das quais o assírio e o babilônio eram dialetos) e referidas respeitosamente por Assurbanipal, rei da Assíria (668-633 a.C., o asn. de Ed 4.10) como a "obscura escrita acadiana que é difícil de dominar" (FLAP, p. 216).

R. D. C.

AÇAFRÃO *Veja Plantas.*

ACAIA No NT, Acaia se refere à região sul da Grécia, sendo que a Macedônia se encontra na região norte (At 19.21; Rm 15.26; 2 Co 1.1; 1 Ts 1.7,8). Sob a direção de Cláudio, no ano 44 d.C., ela foi governada por um pró-consul (por exemplo, Gálio em At 18.12), nomeado pelo senado romano; o imperador governava suas províncias através de procuradores. Suas cidades principais eram Atenas (q.v.) e Corinto (q.v.) a capital com seu porto marítimo Cencreia, embora Esparta (ao sul), Megara, Tebas e Delfos (ao norte) fossem cidades famosas na antiguidade.

ACAICO Companheiro de Estéfanos e Fortunato que visitou Paulo em Éfeso, e que talvez tenha trazido uma carta da Igreja que estava em Corinto (1 Co 7.1; 16.17).

ACAMPAMENTO *Veja Campo.*

AÇÃO DE GRAÇAS Expressão de agradecimento ou apreço a Deus. É conhecida pelo homem universalmente, mas somente conhecida a fundo pelo cristão que enxerga a Deus como o Criador de um mundo que era "bom" (Gn 1.4,31), o Provedor da salvação do homem imediatamente após o pecado e a queda, e aquele que dá todo dom bom e perfeito.

A Bíblia está repleta de ações de graças, e os exemplos mais pronunciados são encontrados em uma oferta especial de ação de gra-

ças no AT (Lv 7.12-15; 22.29; 2 Cr 29.31; Am 4.5) e nas várias festividades instituídas para Israel (Êx 23.14ss.; 34.22,23; Lv 23; Nm 29; Dt 16), nos Salmos de ações de graças (Sl 34.3; 50.14; 92.1-5; 100; 107; 136). No NT o cristão nunca deve orar sem dar graças (Fp 4.6; Cl 4.2) pelas coisas que Deus tem feito por ele (1 Co 15.57; 2 Co 2.14; 8.16; 9.15; 1 Tm 4.3,4). A ministração dos dons que temos, em benefício de outras pessoas, deve ser motivo de ação de graças por parte destas (gr. *eucharistia*) a Deus por sua graça abundante (*charis*) e favor (2 Co 4.15; 9.11,12). O céu estará repleto de vozes de criaturas angelicais e também daqueles que foram salvos dando graças a Deus (Ap 4.9; 7.12; 11.17).

A celebração nacional do dia de ação de graças nos Estados Unidos da América é um eco de duas festas do AT. A Festa da Segra RA/RC (Êx 23.16), também chamada de Pentecostes e Festa das Semanas (Êx 34.22), pois era celebrada depois de sete semanas ou 50 dias após a Páscoa judaica; e da Festa dos Tabernáculos (Lv 23.34-43), também chamada de Festa das Primícias (Êx 23.16; 34.22) no final do ano agrícola. O Pentecostes marcava o final da colheita de trigo em Israel que acontecia em Junho, enquanto nosso dia de ação de graças marca o final de toda a estação da colheita que acontece no outono, como ocorria na Festa dos Tabernáculos após as azeitonas, uvas, e outras frutas serem colhidas (veja Festividades).

Veja Louvor; Oração; Adoração.

R. A. K.

ACAR Essa é uma variante de Acã (q.v.) encontrada em 1 Crônicas 2.7.

ACASO Para os hebreus, Yahweh é um Deus de lei e ordem, e por isso havia pouco espaço para o “acaso” em sua teologia. Na maior parte das ocorrências onde a idéia é usada, trata-se do pensamento de alguém que não é um hebreu. Na tradução grega do Antigo Testamento (Septuaginta ou LXX), a palavra *tyche* é encontrada duas vezes. Uma vez em Gênesis 30.11, onde Léia disse: “afortunada”; e, em Isaías 65.11 (lit.), “preparaís uma mesa para a Fortuna e que misturais vinho para o Destino”. Aqui se trata do deus pagão do acaso, chamado de Fortuna pelos romanos. A idéia do acaso é encontrada na afirmação dos filisteus de que se o seu esforço para determinar a causa das suas calamidades tivesse um determinado resultado, eles iriam chamá-las de acaso, isto é, má sorte (1 Sm 6.9). Há outros casos onde a mesma palavra é usada: “algum acidente de noite” (Dt 23.10); “caiu-lhe em sorte uma parte do campo” (Rt 2.3); “aconteceu-lhe alguma coisa” (1 Sm 20.26); “o mesmo lhes sucede a todos” (Ec 2.14,15). Também existe a palavra hebraica *qara’*.

“Quando encontrares [por acaso] algum ninho de ave no caminho” (Dt 22.6); novamente, “se achou ali, por acaso, um homem” (2 Sm 20.1). *Pega’* é a palavra hebraica usada em Eclesiastes 9.11 “o tempo e a sorte pertencem a todos”, e em 1 Reis 5.4 “adversário não há, nem algum mau encontro [ou infortúnio]”.

V. G. D.

ACAZ Em Mateus 1.9, a versão KJV em inglês usa esse nome para Acabe (q.v.).

ACAZ O décimo segundo rei de Judá, filho de Jotão. Ele tinha vinte anos de idade quando assumiu o trono, e reinou durante dezesseis anos (732-716 a.C.; veja 2 Rs 16.2; 2 Cr 28.1). Acáz adotou a idolatria, seguindo os costumes do reino do norte. Ele foi tão longe a ponto de sacrificar um filho aos deuses pagãos.

Politicamente, Acáz discordava de Peca, rei de Israel, e de Rezim, rei da Síria. Estes decidiram atacar Jerusalém e colocar um fantoche, “o filho de Tabeal” (Is 7.6) no trono de Judá, mas fracassaram. No entanto, os edomitas se aproveitaram da situação de Judá e capturaram Elate no golfo de Acaba (2 Rs 16.5,6).

Nessa época, o profeta Isaías vivia em Jerusalém e tentou encorajar Acáz, transmitindo-lhe a profecia do nascimento virginal como um sinal do poder de libertação de Deus (Is 7.3-17), mas Acáz recusou-se a aceitar o desafio de crer em Deus. Antes, enviou mensageiros com alguns dos tesouros do Templo, para atrair a ajuda de Tiglate-Pileser III, da Assíria, que prontamente destruiu Damasco (732 a.C.). Acáz foi a Damasco onde Tiglate-Pileser lhe deu especificações para um novo altar para o templo (2 Rs 16.7-10). O livro de Crônicas fornece um relato mais vivo da perversidade de Acáz e da devastação de Judá pela Síria e por Israel. Diz-se que Peca matou 120 mil soldados e aprisionou 200 mil dos habitantes de Judá. No entanto, o profeta Obede advertiu Peca a ser misericordioso ou sofrer a punição divina. Em resposta a esta mensagem, os israelitas vestiram adequadamente os prisioneiros e os enviaram de volta a Judá (2 Cr 28.5-15). O livro diz que nesta época os filisteus também tinham tomado diversas cidades de Acáz, e depois que os assírios tinham ajudado Acáz, destruindo a Síria e Israel, foram a ele exigir impostos. Acáz passou seus últimos dias como um fantoche abandonado nas mãos dos assírios (2 Cr 28.16-27).

G. H. L.

ACAZIAS

1. Acázias sucedeu a seu pai, Acabe, no trono de Israel em 853 a.C., e reinou dois anos. Ele se uniu a Josafá, rei de Judá, para conseguir uma frota mercante, mas isto desagradou a Deus e a frota foi destruída (1 Rs 22.40;

48.53; 2 Cr 20.35-37). Acázias acidentalmente caiu da janela de um quarto do segundo andar e ficou gravemente ferido. Ele enviou mensageiros a Ecrôm para perguntar a Baal-Zebube se ele se recuperaria, mas Elias, sob a ordem de Deus, interceptou os mensageiros e os enviou de volta para dizer que Acázias iria morrer. Irado, Acázias enviou duas vezes cinquenta soldados para trazer Elias até ele, mas o fogo vindo dos céus consumiu as duas companhias. O capitão de uma terceira companhia de cinquenta soldados implorou a Elias por misericórdia; então, sob a ordem de Deus, Elias foi a Acázias e o avisou pessoalmente de sua morte próxima. Dentro de pouco tempo, Acázias morreu (2 Rs 1). Seu irmão Jorão tornou-se o próximo rei.

2. Também houve em Judá um rei com o nome de Acázias, que reinou por um curto período em 841 a.C. Este era um sobrinho do Acázias do reino do norte de Israel, e um neto de Acabe, pois sua mãe era Atalia, filha de Acabe. Seu pai foi Jeorão, filho de Josafá. Acázias tinha 22 anos quando subiu ao trono e em seguida uniu-se a Jorão, rei de Israel, em uma expedição contra a Síria. A batalha foi perdida, Jorão foi ferido e Jeú, um dos seus generais, se ergueu em revolta. Este matou Jorão e Jezabel e feriu Acázias, que mais tarde morreu em Megido, mas foi enterrado em Jerusalém (2 Rs 8.28-9.37). O relato em 2 Crônicas 22.7-9 enfatiza a culpa de Acázias e condena sua aliança com Jorão afirmando que foi devido à sua forte amizade que Jeú o matou. Acázias também é chamado de Jeocacaz (veja 2 Cr 21.17; 25.23).

G.H.L.

ACBOR

1. Pai de Baal-Hanã, um dos reis de Edom (Gn 36.38,39; 1 Cr 1.49).

2. Oficial no governo de Josias que foi designado para examinar o livro da lei (2 Rs 22.12,14; Jr 26.22; 36.12). Ele é chamado de Abdom em 2 Crônicas 34.20.

ACEITAR, ACEITÁVEL Essas palavras traduzem uma variedade de palavras hebraicas e gregas. No AT, “aceitar” (de *rasa*) significa “receber com prazer e agrado” (Dt 33.11; Sl 119.108) tornando-se parte da terminologia dos sacrifícios que indica a aceitação (*rasón*) de uma oferta a Deus (Lv 22.20; 23.11; Is 60.7).

Ao contrário da crença pagã, o ensino bíblico diz que o sacrifício e as orações somente são aceitáveis a Deus quando a pessoa do homem é, em primeiro lugar, aceitável a Ele (Os 8.13; Jr 6.20; Ml 1.9s.; observe a ordem em 2 Sm 24.23-25). Somente a retidão moral (Pv 21.3; Jó 42.7-9), e os sacrifícios de um coração arrependido e sincero (Sl 19.14; 40.6-8; 51.15-17) são reconhecidos como verdadeiramente aceitáveis a Deus. Aceitar a oferta de Abel (Gn 4.4s.) foi o testemunho do Senhor de que

a pessoa de Abel já havia sido aceita. Através de suas ofertas feitas com fé, ele “alcançou testemunho de que era justo, dando Deus testemunho dos seus dons” (Hb 11.4), enquanto Caim foi advertido de que sua oferta seria aceita se ele fizesse o bem (Gn 4.7).

Um “tempo aceitável” (Sl 69.13; Is 49.8; 2 Co 6.2) ou um “ano aceitável” (Is 61.2) é um período de favor ou graça (*rasón*), daí a época aceitável ou o momento oportuno quando Deus ainda está ofertando a sua salvação.

A palavra grega básica para “aceito”, “aceitá-



Parte sul do vale de Hinom mostrando o campo do Oleiro com furnas para sepultamentos. HFV

vel” (*dektos*) significa “bem recebido” ou “apreziado” como em Lucas 4.24. No NT o âmbito da aceitação divina nunca é cerimonial, mas sempre espiritual (Rm 12.1; Fp 4.18; 1 Tm 2.3. 1 Pe 2.5). Nosso Senhor não aceita a pessoa (não mostra qualquer parcialidade, literalmente, “não recebe a face”) de qualquer um (Lc 20.21; Gl 2.6); antes, aquele que teme a Deus e pratica a justiça é aceitável a Ele (At 10.35), desde que demonstre um arrependimento genuíno através das obras apropriadas (At 26.20). Entretanto, ninguém pode alcançar uma perfeita aceitação através de suas próprias obras, pois todos nós fomos destituídos da glória de Deus (Rm 3.9-23). Somente Jesus Cristo pode ser inteiramente aceito pelo Pai (“Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”, Mateus 3.17). “E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado” (Ef 1.5,6).

ACELDAMA Esse termo, que designa “Campo de Sangue”, só é encontrado em Atos 1.19. O pedaço de terra, antigamente conhecido como campo do oleiro (cf. Jr 18.2; 19.1,2. Mt 27.7) foi comprado pelos sacerdotes com o dinheiro da traição, que Judas lhes havia



Muro dos Cruzados, Aco. IIS

entregado (Mt 27.3-10). Sua intenção era usar o terreno como um cemitério para estrangeiros. A tradição localiza essa área ao sul de Jerusalém, ao sul do vale de Hinom, perto de sua junção com o Vale de Cedrom. Aparentemente, esse nome faz referência ao dinheiro proveniente de sangue, usado para a sua compra (Mt 27.6,7) e à horrível morte de Judas (At 1.18,19).

ACEPÇÃO DE PESSOAS Deus não faz acepção de pessoas em seu julgamento (Rm 2.11; Hb 6.10; Cl 3.25; cf. 1 Pe 1.17), e nós não devemos agir assim em nosso tratamento com os outros (Tg 2.1,9). No AT Deus ordenou a seus juízes que não mostrassem nenhum favoritismo (Lv 19.15; Dt 1.17; 16.19; cf. Pv 24.23; 28.21).

ACESSO A DEUS

“1. Ato de levar a.

2. Acesso, abordagem... aquela amigável relação com Deus pela qual nos tornamos aceitáveis a Ele e temos a segurança de que Ele está favoravelmente disposto em relação a nós” (Thayer).

O crente do AT aproximava-se de Deus através de um sacerdote, depois de ter oferecido sacrifícios pelos seus pecados; o crente do NT aproxima-se diretamente por causa de, e através de Jesus Cristo. O conceito de acesso só pode ser adequadamente entendido pela revelação do AT de que Deus é Rei e, portanto, devemos nos aproximar dele por meio de um representante digno e qualificado (Sl 47.7). Pela cruz, Cristo fez a reconciliação com Deus, tanto de judeus como de gentios, der-

rubou o muro da separação entre Israel e os gentios e eliminou a hostilidade que existia entre Deus e o homem (Ef 2.16) tornando possível, assim, o acesso a Deus para ambos (Ef 2.18).

O acesso à graça de Deus através da fé salvadora – a capacidade de crer em Cristo como o nosso Salvador – também resultou de Ele ter feito, primeiramente, a paz com Deus através do sangue que derramou na cruz (Rm 5.2; Cl 1.20).

Por causa daquilo que Cristo fez, e porque Ele está eternamente junto ao trono de Deus como nosso Advogado, mesmo quando pecamos (1 Jo 2.1) somos encorajados a nos aproximar dele com toda ousadia (Ef 3.12; Hb 4.16).

R. A. K.

ÁCIDO A tradução da palavra hebraica *boser*, usada para as uvas maduras ou não (Is 18.5) que estão ácidas e amargas. A pessoa que comesse tais uvas descobriria que a acidez das uvas verdes causava uma reação descrita como “embotar os dentes”. Isto se tornou uma figura para expressar uma crença que Jeremias e Ezequiel expunham como uma verdade parcial. Isto é, o povo acreditava que os atos dos seus pais determinavam as suas reações. O provérbio diz: “Os pais comeram uvas verdes, mas foram os dentes dos filhos que se embotaram” (Jr 31.29; Ez 18.2). Esta crença viciosa absolvía o povo da responsabilidade moral individual. Jeremias denunciou isso e declarou: “de todo homem que comer uvas verdes os dentes se embotarão” (Jr 31.30). Assim ele mostrou que qualquer pessoa deverá sofrer as consequências da sua própria iniquidade. Ezequiel proclamou: “Vivo eu, diz o Senhor Jeová, que nunca mais direis este provérbio em Israel” (Ez 18.3).

Ácido também é a tradução da palavra hebraica *sur* (Os 4.18). Ela descreve o rumo tomado pela idolatria de Efraim, a amargura na qual ela se transformou.

H. E. Fi.

ACMETÁ Cidade cuja origem remonta à época de Ciro (cerca do ano 550 a.C.). Nesse local foram encontrados decretos de Ciro que autorizavam os judeus a reconstruírem o Templo em Jerusalém (Ed 6.2). A cidade está localizada a uma altitude de cerca de 2.000 metros, sendo, portanto, um excelente local de veraneio. Dario I pode ter usado essa cidade em tempo parcial como uma capital da Pérsia.

Muitas referências foram feitas a Acmetá na Apócrifa, mas sob o nome de Ecbatana. Conhecida, atualmente, como Hamadã, essa cidade do Irã tem uma população de cerca de 50.000 habitantes e está situada na estrada que liga Bagdá a Teerã.

ACO Cidade situada sobre um promontório

Wycliffe

DICIONÁRIO BÍBLICO

O *Dicionário Bíblico Wycliffe* proporciona uma vasta rede de informações sobre nomes e lugares mencionados na Bíblia bem como aspectos doutrinários, históricos, e pontos importantes do cenário bíblico. Artigos são escritos por mais de 200 líderes conservadores, estudiosos evangélicos.

- Um abrangente dicionário bíblico disponível para estudantes, eruditos e leigos.
- Cobertura extensiva é dada aos tópicos principais e os colaboradores são apontados ao final de cada artigo.
- Muitos tópicos incluem bibliografia para pesquisa adicional.
- Mais de 900 fotos, mapas, gráficos e esboços ilustram o texto.

Charles F. Pfeiffer foi professor de Literatura Antiga na Universidade Central de Michigan, Mt. Pleasant, Michigan.

Howard Vos é professor aposentado de Arqueologia e História do King's College in Briarcliff Manor, New York.

John Rea é professor aposentado de Antigo Testamento na Regent University, Virgínia Beach, Virgínia.

